



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL (PROEF)**

**O ensino da educação física na educação infantil:
desafios contemporâneos**

DANIELLA DE LUCA GOES



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL (PROEF)**

**O ensino da educação física na educação infantil:
desafios contemporâneos**

DANIELLA DE LUCA GOES

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Ferreira da Silva

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Física Escolar.

G598e Goes, Daniella de Luca
O ensino da educação física na educação Infantil : Desafios contemporâneos / Daniella de Luca Goes. -- Rio Claro, 2020
81 p. + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Luciene Ferreira da Silva

1. Educação Física. 2. Educação Infantil. 3. Jogos. 4. Brincadeiras.
I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: o ensino da educação física na educação infantil: desafios contemporâneos

AUTORA: DANIELLA DE LUCA GOES

ORIENTADORA: LUCIENE FERREIRA DA SILVA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO FÍSICA ,
área: Educação Física Escolar pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. LUCIENE FERREIRA DA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de Educação / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP

Profa. Dra. JULIANA CESANA (Participação Virtual)
UNIFEB / Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos - SP



Profa. Dra. FERNANDA MORETO IMPOLCETTO (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Rio Claro, 18 de dezembro de 2020

Dedico este trabalho aqueles que
me inspiram diariamente: mãe,
pai, esposo, irmão, sobrinho,
amigos e alunos.
Vocês dão sentido à vida.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A Deus pai e mãe, pela vida, por sua energia geradora e sua constante proteção e a Santo Antônio pela ajuda extra.

À minha mãe e meu pai, que sempre me ensinaram a valorizar os estudos, me criaram em um lar acolhedor e amoroso e estiveram sempre presentes me apoiando e oferecendo todo o suporte necessário para seguir minha caminhada.

Ao meu companheiro de vida Henrique, que com paciência e dedicação me ensina a ser mais humana a cada dia.

Às minhas amigas da “janelinha”, sempre amorosas, incentivando e consolando mesmo sem precisar pedir, em especial a Juliana que com toda a sua generosidade fez uma leitura atenta e profissional deste trabalho.

Aos meus alunos que me incentivam a ser uma professora melhor, esse trabalho é por vocês e para vocês.

À professora Dra. Luciene Ferreira da Silva, orientadora deste trabalho, por sua dedicação e paciência, pelos ensinamentos e orientações, pelo incentivo e acolhimento diante das minhas dificuldades.

Às professoras Dra. Fernanda Moreto Impolcetto e Dra. Juliana Cesana agradeço por aceitarem contribuir com esta pesquisa participando da banca da qualificação e de defesa deste trabalho.

Aos professores do ProEF polos Unesp Rio Claro e UfsCar, pelas aulas enriquecedoras e histórias compartilhadas.

Aos professores e amigos que aceitaram participar da pesquisa, apresentando suas práticas pedagógicas e me permitindo mostrar a excelência do trabalho realizado pelos professores de Educação Física nas escolas públicas de Santo André.

À minha companheira de quadra Dani Gil, pela parceria, inspiração e dedicação em todas as suas ações.

À minha diretora Fernanda, por sua compreensão, exemplo, apoio e luta diária por uma educação pública e de qualidade.

Às minhas assistentes pedagógicas sempre dispostas a acolher e auxiliar nas dúvidas diárias.

À coordenação de Educação Física pelo apoio e compreensão durante o período do mestrado.

Ao companheiro de trabalho Uirá, pelos inúmeros saberes e artigos compartilhados, sempre disposto a ajudar.

Às professoras da EMEIEF Professor Nicolau Moraes Barros pela valorosa parceria e excelente exemplo profissional.

À Prefeitura Municipal de Santo André, pelo apoio e incentivo a formação continuada concedendo dispensa parcial da minha jornada de trabalho, permitindo maior dedicação aos estudos.

Aos colegas da turma do ProEF de Rio Claro e São Carlos por compartilharem, as angústias, dúvidas, incertezas e alegrias durante esta etapa, por todo o suporte oferecido e dúvidas sanadas.

À professora Maria Cândida, que esteve sempre disponível e atenciosa diante dos e-mails carregados de dúvidas e angústias.

A todos a minha gratidão.

Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas.

Paulo Freire – Pedagogia da
Autonomia

GOES, Daniella de Luca. **O ensino da educação física na educação infantil: desafios contemporâneos.** 2020. 81p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2020.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivos compreender as dificuldades dos docentes da área da Educação Física que atuam na Educação Infantil no município de Santo André (SP) e analisar a utilização dos jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física. Para tanto, foi realizada uma intervenção utilizando a técnica de grupo focal. As falas foram analisadas pela metodologia de Análise de Conteúdo tendo a pesquisa bibliográfica como suporte. Foram estabelecidas quatro categorias que permitiram uma melhor compreensão da construção dos dados e da realidade investigada. Após a análise foram identificadas dificuldades estruturais e didáticas citadas pelos docentes e abordadas à luz dos referenciais teóricos. Como suporte para superá-las os docentes relataram utilizar os jogos e brincadeiras mais como estratégia de ensino do que como conhecimento específico.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Infantil. Jogos. Brincadeiras.

GOES, Daniella de Luca. **O ensino da educação física na educação infantil: desafios contemporâneos.** 2020. 81p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2020.

ABSTRACT

The aim of this paper is to understand the difficulties of Physical Education teachers in Santo André city (State of São Paulo, Brazil) and how the use of games and plays used in classes might help improving their skills on how give these classes for those interviewed teachers. For accomplish this, an intervention had been made with these teachers by using a focus group technic and their responses were analyzed by using Content Analysis Methodology and the bibliography texts as a support in order to allow a better understanding from the data collected from them. After the intervention and by checking the difficulties that had been found, these ones were used as basis for how they could be solved and how those games helped could help teachers to overcome their teaching troubles as well as the strategies used by them for it.

Keywords: Physical Education. Preschool. Games. Plays.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões norteadoras.....26

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

EMEIEF - Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental

PROEF - Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	13
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
METODOLOGIA	24
SOBRE A FORMAÇÃO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO.....	27
CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS.....	30
ESPECIFICIDADES DO ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	32
JOGOS E BRINCADEIRAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
REFERÊNCIA DO PRODUTO	50
APÊNDICES	52
APÊNDICE A	52
APÊNDICE B	53
APÊNDICE C	57
APÊNDICE D	81

APRESENTAÇÃO

Integro o grupo de professores de Educação Física de Santo André há seis anos, atuando na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Tive uma formação inicial que, por meio de disciplinas específicas, estudos sobre crescimento e desenvolvimento e estágio realizado em EMEI próxima a faculdade, me proporcionou um primeiro contato com a Educação Infantil. Ao ingressar nas escolas do município tive dúvidas e dificuldades que se alteravam conforme trabalhava em diferentes escolas. Durante as formações específicas em serviço com o grupo de professores de Educação Física e em conversas particulares com colegas da rede, percebi que eles compartilhavam as problemáticas por mim vivenciadas. Diante da minha trajetória de formação e atuação docente e da angústia compartilhada com outros professores, o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) materializou a possibilidade de conhecer e estudar mais profundamente os desafios presentes nas aulas de Educação Física para a Educação Infantil, de forma que eu pudesse buscar entender essas dificuldades, bem como analisar o jogo como possível estratégia para superá-las.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil no Brasil, a partir da Lei nº 9.394, (BRASIL, 1996) passou a ser etapa obrigatória da Educação Básica. Desde então a Educação Física tornou-se disciplina obrigatória na Educação Básica, possibilitando ampliar a discussão sobre suas relações.

Pautados pela referida legislação, alguns municípios do estado de São Paulo começaram a contratar professores especialistas, licenciados em Educação Física para atuarem na Educação Básica, dentre os quais, o município de Santo André.

Ao ingressarem, através de concurso, na Rede Municipal de Santo André em 2013, os professores de Educação Física foram encaminhados para atuar em Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF), ministrando aulas para ambos os ciclos atendidos pelas escolas.

Para alguns professores, o primeiro contato com aulas para crianças da Educação Infantil se deu a partir de seu ingresso na rede e, devido à falta de experiência neste ciclo, dúvidas e dificuldades em ministrar as aulas para esse nível de escolarização começaram a aparecer.

Todos os professores de Educação Física da rede de Santo André se encontram semanalmente às segundas-feiras sob a supervisão da Coordenação e Assistência Pedagógica de Educação Física. Durante esses encontros foram realizadas atividades formativas ou de capacitação relacionadas à Educação Infantil com profissionais da rede e convidados.

Neste trabalho serão abordadas e analisadas as dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física ao ministrarem aulas para a Educação Infantil. Como podemos ver em Ayoub (2001), Basei (2008), Ehrenberg (2014) e Garanhani e Nadolny (2015), os cursos de formação em Educação Física e produção acadêmica para a Educação Infantil são insuficientes para atender as necessidades dos professores que atuam neste ciclo escolar. Além disso, há outras problemáticas elencadas pela literatura: os espaços físicos das escolas que não são planejados levando em conta as peculiaridades das crianças pequenas, bem como a organização curricular na Educação Infantil, que muitas vezes é pensada visando apenas a progressão para o Ensino Fundamental.

A criança, enquanto sujeito portador de direitos remete-nos à Declaração dos Direitos da Criança (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1959) e ao Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), entre outros documentos determinantes para a configuração da infância como fase da vida com objetivação em si própria. A criança não deve ser considerada como o adulto que virá a ser; ela é criança e, enquanto tal tem o direito de viver desenvolvendo-se ludicamente. Ela é um ser social, é produtora de cultura e protagonista no processo educativo, conforme estabelece a sociologia da infância apresentada por Sarmento (2008, 2013), segundo a qual a criança é concebida como “ser-que-é na completude de suas competências e disposições” (SARMENTO, 2013, p. 15) e a infância é vista como uma classe social que possui uma diversidade de expressões.

Considerando-se a importância do movimento corporal, a Educação Física tem significativo papel a ser cumprido na Educação Infantil, pois:

As experiências infantis se materializam, sobretudo, em suas ações corporais. É por meio de seus corpos em movimento que as crianças interagem com os outros, consigo mesmas e com o seu meio, constroem conhecimentos e afirmam as suas identidades, internalizam e produzem cultura, ou seja, as ações motoras configuram espaço privilegiado da experiência infantil. (MELLO et al., 2016, p. 138)

O jogo é uma característica da criança e dos humanos por toda a vida. Ainda assim, a escola privilegia em excesso a aprendizagem instrumental, a alfabetização, a leitura e a escrita.

Sobre esta problemática, autores que estudam o jogo, como Huizinga (2007), Caillois (2001) e Freire (2008), expõem a necessidade de desenvolvimento simbólico, imaginativo e criativo de forma natural, com respeito à cultura das crianças.

Os jogos ocorrem com o movimento porque os humanos têm a necessidade de se manifestar corporalmente em vista das interações diretas e ativas com o mundo sociocultural e com os objetos do mundo físico.

Desta forma, o jogo, considerando o conceito de Huizinga:

É uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (HUIZINGA, 2007, p. 33).

Para Caillois (2001), a atividade, para ser considerada jogo, precisa ser livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e fictícia, além de espontânea, voluntária, alegre e divertida.

Este estudo pretende, como objetivo geral, compreender as dificuldades dos docentes da área da Educação Física para atuação na Educação Infantil no município de Santo André (SP), e, como objetivo específico, analisar a utilização dos jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física dos professores entrevistados, bem como avaliar o interesse deles em aprofundar seus conhecimentos sobre o jogo na Educação Infantil.

Houve interesse em conjugar as necessidades dos professores participantes da pesquisa em campo e o objetivo do PROEF, o produto educacional se desenvolveu à medida que os estudos se materializavam ao longo do curso tendo sido adaptado para um vídeo estilo “draw um life”. O vídeo apresenta um breve resumo ilustrado deste relatório, tornando-o mais acessível com uma linguagem simplificada.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A Educação Física, enquanto disciplina, não é citada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998. A perspectiva de aprendizagem no documento destaca saberes que se relacionam com a área, como o conhecimento de mundo através da exploração de gestos e movimentos. Desta forma, é possível contemplá-la, de acordo com o documento, atuando através do movimento, da expressividade, do equilíbrio e da coordenação.

As práticas culturais predominantes e as possibilidades de exploração oferecidas pelo meio em que vive, permitem à criança desenvolver diversas capacidades e construir seu próprio repertório cultural. As brincadeiras que compõem a cultura infantil e que variam conforme a cultura local e regional são oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais, aspectos indissociáveis com os quais a Educação Física pode contribuir significativamente.

Os objetivos no RCNEI relacionados à criança e ao movimento para a faixa etária de 0 a 3 anos são:

- familiarizar-se com a imagem do próprio corpo;
- explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se nas brincadeiras e nas demais situações de interação;
- deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular etc., desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras;
- explorar e utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para o uso de objetos diversos. (BRASIL, 1998, p. 27).

Para as crianças de 4 a 6 anos os objetivos são aprimorar e aprofundar as capacidades da faixa anterior:

- ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação;
- explorar diferentes qualidades e dinâmicas do movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo gradativamente os limites e as potencialidades de seu corpo;
- controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações;
- utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para ampliar suas possibilidades de manuseio dos diferentes materiais e objetos;
- apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo, conhecendo e identificando seus segmentos e elementos e desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo. (BRASIL, 1998, p. 27).

Outras legislações versam sobre os direitos das crianças e sobre a adequação do currículo escolar para atender a Educação Infantil, visando o desenvolvimento integral da criança e considerando o lúdico, a expressão e a brincadeira como elementos essenciais de seu aprendizado.

A Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2005) aborda o direito das crianças de zero a seis anos à educação e cita a atuação dos diferentes poderes públicos visando assegurar o “atendimento integral à criança, considerando seus aspectos físico, afetivo, cognitivo/linguístico, sociocultural, bem como as dimensões lúdica, artística e imaginária” (BRASIL, 2005, p. 20). Menciona também estrutura física que possua “ambiente interno e externo para o desenvolvimento das atividades, conforme as diretrizes curriculares e a metodologia da Educação Infantil, incluindo o repouso, a expressão livre, o movimento e o brinquedo” (BRASIL, 2005, p. 22).

A Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 em seu Art. 3º aborda o currículo da Educação Infantil, que deve ser,

Concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2009, p.01).

No Art. 9º a Resolução destaca as brincadeiras e interações sociais como eixos norteadores das ações pedagógicas, promovendo

Conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança. (BRASIL, 2009, p.04).

Por fim, no seu Art. 10º, em parágrafo único, aponta a importância da “observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano” (BRASIL, 2009, p. 04).

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) propõe um currículo integrado e não determina o que é conhecimento específico da Educação Física. Os direitos, objetivos e campos de experiência para o nível de ensino não mencionam a Educação Física ou outra disciplina, uma vez que os saberes se mesclam e a criança aprende de maneira holística. O documento, ao apresentar os campos de experiência e os objetivos de aprendizagem, enfoca a formação integral não fragmentada em disciplinas.

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e as brincadeiras, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiência constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte de patrimônio cultural. (BRASIL, 2017, p. 36).

Os documentos e legislações citados valorizam as interações sociais, a brincadeira, a cultura e o lúdico como eixos da ação pedagógica desta etapa educacional, com os quais a Educação Física contribui significativamente para o desenvolvimento educacional da criança.

A Educação Infantil possui especificidades, conhecimentos e objetivos próprios. Já não é vista enquanto suporte para o desenvolvimento do Ensino Fundamental, mas como uma etapa da Educação Básica que visa o cuidado e a educação da criança pequena, bem como seu desenvolvimento e aprendizagem, que ocorrem de maneira holística, conforme mostram Oliveira-Formosinho (2002), Garanhani e Naldony (2011, 2015) e Ehrenberg (2014).

A criança pequena possui fragilidades e necessita de atenção e cuidado para que possa se desenvolver. A educação das crianças pequenas deve acolher suas

individualidades, possibilitando uma formação global que integre o cuidar e o educar (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002).

Garanhani e Nadolny ressaltam uma Educação Infantil que “valorize a movimentação da criança, não somente como uma necessidade físico-motora do desenvolvimento infantil, mas também como uma capacidade expressiva e intencional” (2011, p. 67), uma vez que o principal meio de comunicação dos pequenos é a expressão corporal.

A criança interage com o mundo através da linguagem corporal, que é sua “primeira forma de expressão” (EHRENBORG, 2014, p.189). O movimento é seu principal meio de comunicação e através dele a criança explora seu entorno.

De acordo com Sayão:

É através de brincadeiras, de diversas linguagens, de seus sentimentos, de suas expressões, de gestos, de movimentos que empreendem com seus corpos em diferentes espaços, que os/as eles/as vão dando sentido à infância. Seus corpos possibilitam-lhes a experiência sensorial, sendo assim, seus primeiros brinquedos. (SAYÃO, 2008, p. 94).

A autora fala de corporalidade, de um corpo construído socialmente nas relações, um corpo “cujas formas, movimentos, gestos, posturas, ritmos, expressões, linguagens” são criados e transformados pelas relações entre crianças e adultos de determinado contexto cultural. (SAYÃO, 2008, p. 94)

Daolio (1995) escreve que no corpo a criança traz valores e normas aprendidas em seu ambiente familiar; nele ela carrega uma forma de expressão característica de sua cultura.

Corroborando os autores citados, Gonçalves comenta que “as concepções que o homem desenvolve a respeito de sua corporalidade e as suas formas de comportar-se corporalmente estão ligadas a condicionamentos sociais e culturais” (GONÇALVES, 2009, p.13).

Segundo Moreno e Cubero (1995), as famílias vão moldando as características das crianças no tempo em que passam com elas. As autoras consideram a família um sistema em que os vários atores se influenciam reciprocamente.

O seio familiar é o espaço sociocultural em que a criança começa a ser educada e sua corporalidade desenvolvida, enquanto a creche ou a escola é o lugar onde as crianças poderão conhecer e reconhecer diferentes culturas. Sendo assim, pensar uma educação que respeite e valorize o corpo é importante para a construção da identidade da criança.

A escola, de acordo com Gonçalves (2009) deve olhar para o corpo sem a perspectiva de discipliná-lo e controlá-lo, mas oferecendo uma educação que leve o aluno a vivenciar experiências corporais significativas, que sensibilizem as crianças e possam ser incorporadas por elas.

Mello et. al. (2016) comentam que, diante da importância do corpo e do movimento, bem como dos jogos e brincadeiras para a Educação Infantil, a Educação Física, de acordo com sua especificidade, vem ganhando espaço de atuação neste ciclo de escolarização.

Basei (2008) também ressalta a importância da Educação Física na Educação Infantil por possibilitar experiências e movimentos corporais que permitem criar, se expressar, descobrir, inventar, enfrentar desafios, conhecer os limites e valorizar o próprio corpo, se relacionar com colegas e professores, desenvolvendo suas capacidades físicas, intelectuais e afetivas.

Para Simão:

Os fenômenos da cultura que se expressam a nível corporal, bem como a ampliação, a vivência e a criação das culturas infantis de movimento constituem a especificidade da contribuição da Educação Física na Educação Infantil. (SIMÃO, 2005, p.164.)

Ehrenberg indica que a Educação Física é a responsável por pensar a cultura corporal enquanto construção social do homem. Especificamente para a Educação Infantil, ela permite “reconhecer que o corpo é o suporte de uma linguagem e nele se manifesta a cultura em que se está inserido” (EHRENBURG, 2014, p.187).

Apesar do vínculo direto entre a Educação Física e a Educação Infantil, a organização curricular, assim como os documentos norteadores, não apresentaram uma proposta capaz de suprir a sinergia necessária ao trabalho entre os professores que atuam com a Educação Infantil licenciados em pedagogia e os licenciados em Educação Física.

Enquanto disciplina, a Educação Física encontra dificuldades de adentrar nessa etapa da Educação Básica, pois se trata de um ciclo não fragmentado, organizado sem divisões em disciplinas, como ocorre tradicionalmente nas redes públicas, nos ciclos posteriores, da Educação Básica. Guirra e Prodócimo questionam os tempos e divisões disciplinares da escola nesta faixa etária, ressaltando que “na educação infantil, não devem existir momentos específicos’ para essa ou aquela tarefa, sendo que não se pode dissociar o movimento do brincar e o do aprender, pois eles caminham juntos” (GUIRRA e PRODÓCIMO, 2010, p. 710). De acordo com os autores, as professoras pedagogas não se sentem preparadas para trabalhar com a cultura corporal de movimento, mesmo tendo-as estudado brevemente em seus cursos de formação. Além disso, a atuação do professor de Educação Física se restringe a momentos específicos, muitas vezes desconectados das vivências cotidianas internas e externas à escola, criando assim um problema em relação à responsabilidade e ao melhor desenvolvimento com as crianças neste campo de conhecimento.

Para Ayoub:

A presença dos(as) “especialistas” em Educação Física pode gerar uma concepção compartimentada de criança e acentuar “velhas” dicotomias bastante conhecidas no espaço escolar: a professora de Educação Física fica responsável pelo “corpo” das crianças e a professora “generalista” pelo “intelecto”, como se isso fosse possível. (AYOUB, 2001, p. 58).

A autora alerta que a aula de Educação Física pode acabar sendo vista como a única responsável pelo movimento, tornando-se, para as crianças, a aula salvadora, pois as libera das salas cheias de carteiras e permite-lhes se movimentar, ser livres.

Ehrenberg (2014) remete a limitação de tempo e espaço fixo na semana para a Educação Física ao modelo cartesiano fragmentado do Ensino Fundamental, no qual as aulas são organizadas por disciplinas. Ao mesmo tempo em que entende essa atuação fragmentada como limitação, também compreende que esses momentos específicos garantem que o trabalho com o corpo seja minimamente valorizado nesta etapa da educação, já que nos outros momentos predominam as aulas sem “se movimentar”.

A formação dos professores de Educação Física não tem dado conta de abordar a Educação Infantil em toda sua diversidade e especificidade e essa deficiência tem sido mais um problema da área ao atuar com este ciclo escolar.

Ayoub (2001) relata que as especificidades da Educação Infantil não parecem fazer parte, ainda, dos cursos de licenciatura em Educação Física. No início, os estudos da área relacionavam-se ao repertório de atividade que poderia favorecer o desenvolvimento motor. Desde então houve pouco avanço.

De acordo com Simão:

A historiografia aponta que a Educação Física ao surgir na Educação Infantil, teve como função instrumentalizar o aspecto psicomotor das crianças através de atividades que envolvessem a área motora, o que, supostamente, possibilitaria um maior sucesso na alfabetização, dando suporte às aprendizagens de cunho “cognitivo”. Esta perspectiva de Educação Física vinculava-se aos princípios da Educação Infantil de cunho compensatório. (SIMÃO, 2005, p.166-167).

Apesar das dificuldades da Educação Física e dos professores especialistas inseridos na Educação Infantil, Ayoub (2001) e Mello et al. (2016) reconhecem a importância da área no desenvolvimento das crianças pequenas, pois propicia a exploração, a apropriação e a valorização da cultura corporal, bem como a inserção do professor de Educação Física no contexto da Educação Infantil de maneira integrada à rotina escolar, como trabalho conjunto de todos os professores envolvidos.

Freire entende que a presença do especialista atuando na Educação Infantil junto com o(a) professor(a) generalista não necessariamente acarretaria a desintegração do currículo, pois:

Não é o número de pessoas envolvidas no processo educacional que fragmentará mais ou menos o conhecimento. [...] Tudo dependeria de como viesse a ser estruturado o trabalho, da competência de quem ministrasse o ensino e assim por diante. (FREIRE, 2008, p.78-79).

Ayoub (2005) observou que há fragmentação do currículo da Educação Infantil mesmo em escolas sem um professor especialista, entendendo, assim como Freire (2008), que ter ou não ter o professor de Educação Física atuando neste ciclo educacional não é determinante para gerar um currículo integrado ou não. Em vez disso, é fundamental a maneira como o trabalho pedagógico é compreendido e realizado.

Para Basei, a ausência de professores de Educação Física atuando na Educação Infantil acaba privando “o potencial de aprendizagem que pode ser desenvolvido na criança através da compreensão de sua cultura de movimento e reduzindo as ações de movimento a um simples fazer, destituído de sentidos, significados e intencionalidades”. (BASEI, 2008, p. 11).

A inserção do professor de Educação Física na Educação Infantil pode ser muito positiva para as crianças, segundo uma proposta pedagógica desenvolvida em parceria, na qual todos são professores de Educação Infantil (em vez de serem professores de Educação Física ou polivalentes), de forma que não há hierarquia de saberes nem “donos” do corpo, favorecendo o desenvolvimento da criança (AYOUB, 2001).

De acordo com Sayão:

Para pensar a Educação Física no âmbito do trabalho pedagógico com crianças de pouca idade, faz-se necessário articularmos diferentes áreas do conhecimento e diferentes profissionais. Assim como na construção de um mosaico, estes/as profissionais vão articulando saberes e práticas que não podem ficar reduzidos a uma única disciplina ou a uma única área do conhecimento. (SAYÃO, 2002, p. 65).

Mello et. al. (2014) indicam que o trabalho por projetos é uma possibilidade de articular as diversas áreas que atuam na Educação Infantil, permitindo que a Educação Física contribua de maneira integrada com o currículo.

Enquanto área que estuda a cultura corporal (SOARES et. al., 2009), a Educação Física tem muito a contribuir com a formação integral das crianças, cujo principal meio de expressão é o corpo. Para Ayoub:

A Educação Física na educação infantil pode configurar-se como um espaço em que a criança brinque com a linguagem corporal, com o corpo, com o movimento, alfabetizando-se nessa linguagem. Brincar com a linguagem corporal significa criar situações nas quais a criança entre em contato com diferentes manifestações da *cultura corporal* (entendida como as diferentes práticas corporais elaboradas pelos seres humanos ao longo da história, cujos significados foram sendo tecidos nos diversos contextos sócio-culturais), sobretudo aquelas relacionadas aos jogos e brincadeiras, às ginásticas, às danças e às atividades circenses, sempre tendo em vista a dimensão lúdica como elemento essencial para a ação educativa na infância. (AYOUB, 2001, p. 57, grifo nosso).

As brincadeiras e jogos são formas usadas pelas crianças para reconhecerem a si próprias e aos outros, atividades através das quais sentem, criam, interagem, se

organizam e se constituem como autores de seu processo de aprendizagem (MELLO et. al., 2016).

O jogo, como elemento historicamente concebido pela cultura e como parte da cultura infantil, é um tema que confere relevância para a Educação Física na Educação Infantil. Segundo Kishimoto (2011) o jogo infantil incorpora a ludicidade, o prazer e a brincadeira, fatores importantes para o desenvolvimento da criança.

De acordo com Friedmann, o jogo, enquanto patrimônio cultural, precisa ser resgatado dentro da escola, onde é cada vez menos abordado. A autora considera importante valorizar os jogos tradicionais infantis pois, “constituem um material muito importante para o conhecimento e a preservação da nossa cultura, do nosso folclore” (FRIEDMANN, 1996, p. 49).

Mello et. al. ressaltam a importância do jogo e da brincadeira como parte central da educação que valoriza os saberes da infância, pois permitem que as crianças vivam essa fase experimentando diversas formas de expressão. Para os autores o jogo é um “direito social, que proporciona visibilidade ao capital cultural lúdico infantil” (MELLO et al., 2016, p.143).

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa. De acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Foi feita uma pesquisa exploratória caracterizada por ser uma investigação “de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema”. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 188).

Para a construção dos dados da pesquisa em campo foi utilizada a técnica de grupo focal com professores de Educação Física que atuam com a Educação Infantil

em Escolas Municipais de Ensino Infantil e Fundamental do Município de Santo André.

Segundo Kind:

O grupo focal é um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado. (KIND, 2004, p. 126).

O grupo foi composto por cinco docentes de Educação Física que atuam na Educação Infantil na Rede Municipal de Santo André que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), número de parecer 3.770.433, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, cujo modelo se encontra em anexo. Atualmente 132 professores de Educação Física atuam como docentes na área em 51 EMEIEFs em Santo André.

Os 5 professores foram convidados pela professora e pesquisadora em uma das reuniões pedagógicas dos professores de Educação Física da Rede Municipal de Santo André, momento no qual tiveram acesso ao roteiro de questões da entrevista juntamente com o TCLE. O encontro foi realizado presencialmente durante o período de formação, foi gravado apenas em áudio e teve a duração de uma hora. Antes do início da entrevista foram explicados oralmente os direitos dos participantes e prestados demais esclarecimentos, bem como as orientações para o preenchimento do TCLE. Com a intenção de manter o anonimato, os docentes serão tratados no texto como P1, P2, P3, P4 e P5.

O quadro a seguir apresenta as questões norteadoras da entrevista realizada com o grupo focal.

Quadro 1 - Questões norteadoras

1. Você teve formação específica para a Educação Física na Educação Infantil durante a graduação? E após a graduação? Se sim, como foi a formação?
2. Você se depara com dificuldades em sua prática junto à Educação Infantil? Se sim, qual (quais) é (são) essa(s) dificuldades(s)? São relacionadas a questões estruturais, didáticas, metodológicas etc.?

3. Quais estratégias você usa para superar essas dificuldades?
4. Você utiliza os jogos e brincadeiras em seu planejamento? Como eles são inseridos nos planos de aula e no desenvolvimento dos mesmos?
5. Você tem interesse em estudar os jogos tradicionais infantis na Educação Infantil?

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo como metodologia por sua possibilidade de investigar e validar informações de um discurso.

Análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

De acordo com Minayo, essa metodologia tem duas importantes funções:

Uma se refere à *verificação de hipóteses e/ou questões*. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipótese). A outra função diz respeito à *descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está se comunicando. As duas funções podem, na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa. (MINAYO, 2002, p. 74, grifos da autora).

Baseado em Bardin (2011) a literatura foi escolhida pela regra da pertinência com textos que se relacionam com a problemática levantada. O grupo de professores que participou do estudo se enquadra na regra da representatividade, constituindo-se em um grupo de docentes concursados com regime estatutário que ministram aulas de Educação Física na Educação Infantil em uma escola municipal de Santo André. O material (entrevista) foi preparado antes da análise, sendo transcrito na íntegra.

Foi feita uma Análise Temática que consiste em descobrir os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. (BARDIN, 2011, p.135).

De acordo com a autora o tema eixo é usado para estudar opiniões, crenças, atitudes, em questões abertas em entrevistas que podem ser individuais ou em grupos, entre outros. Para este trabalho dois temas-eixo foram delimitados (problemáticas educação física educação infantil e Jogos), as falas dos professores foram agrupadas em torno deles, estabelecendo-se como categorias: (1) Sobre a formação em curso de graduação; (2) Condições para o desenvolvimento das aulas; (3) Especificidades do ensino na Educação Infantil e (4) Jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física na Educação Infantil.

A análise temática: é transversal, isto é, recorta o conjunto das entrevistas por meio de uma grade de categorias projetada sobre os conteúdos. Não se têm em conta a dinâmica e a organização, mas a frequência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados dados segmentáveis e comparáveis (BARDIN, 2011, p.222).

“A análise de conteúdo pode realizar-se a partir das significações que a mensagem fornece” (BARDIN, 2011, p.167). Sendo assim o presente trabalho analisa de maneira qualitativa as mensagens passadas pelos professores participantes do estudo relacionadas às problemáticas já apresentadas.

SOBRE A FORMAÇÃO EM CURSO DE GRADUAÇÃO

Ao falar sobre a disciplina na graduação, que abordou a Educação Física na Educação Infantil, os professores relataram não sentir que ela subsidiasse sua atuação na escola com esse ciclo de escolarização.

Nossa formação inicial não deu suporte para lidar com a infância em uma concepção mais sociológica e isso traz um problema na hora da gente preparar a aula, entender que a infância acompanha uma mudança social, então a infância nossa não é mais a infância de hoje, não tem acompanhado né e a formação inicial pecou nisso, não apresentou nenhuma literatura da de por exemplo, concepções sociais, tradicionais. (P5).

Foi possível observar a predominância de um currículo psicomotor nos cursos de formação básica no ensino superior os quais os docentes cursaram, que aborda o desenvolvimento motor da criança pequena como aspecto mais importante a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física. Essa formação, para os professores entrevistados, não contempla as reais necessidades dos alunos e, portanto, se

mostra insuficiente para a abordagem da Educação Física na Educação Infantil ao não oferecer subsídio para os docentes, que se deparam com crianças curiosas, imaginativas, agitadas e lúdicas, que criam e fantasiam.

A gente também de repente não consegue acompanhar essa nova fase da infância atualmente né, porque a gente está vendo, eu tenho me questionado muito atualmente né, será que eu não estou acompanhando essa nova fase de infância que essas crianças estão passando, e eu tento de repente pensar na infância em uma infância que eu vivi e que não é mais infância atual, e aí talvez eu não consiga ainda entrar no mundinho deles (P1).

Para Sayão, a formação de professores para a Educação Infantil foi historicamente pautada pelo o que a criança não sabe e não consegue, e a Psicomotricidade teve uma participação importante para “ensinar” as crianças.

Talvez uma das razões para o presente descompasso entre os desejos e as necessidades das crianças e a intencionalidade dos adultos esteja relacionada à influência que a psicomotricidade exerceu a partir dos anos 1970, determinando, com a teoria do déficit cultural e a medicina higienista, uma sintomatologia de doença na pedagogia e na Educação Física quando presente na educação infantil e nas séries iniciais nas escolas. (SAYÃO, 2002, p. 58-59).

Freire critica a padronização de movimento que ocorre na psicomotricidade:

A Psicologia Infantil e depois a Psicomotricidade dedicaram parte de seus trabalhos à descrição dos movimentos que as crianças realizam ao longo de seu desenvolvimento, muitas vezes, contudo, desconsiderando aspectos fundamentais desse desenvolvimento, como o cultural e o social. (FREIRE, 2008, p. 21-22).

Para superar esta visão sobre o comportamento motor da criança e qualificar seus trabalhos, a professora P1 relatou a importância da literatura consultada por meio de livros e artigos como ferramenta de qualificação profissional que possibilita olhar para a Educação Infantil através de áreas como a sociologia. Os professores P1 e P5 levantaram a questão da prática profissional como formação real que os ensinou e preparou para atuar com a Educação Infantil. Isto é, foi através da atuação docente que se constituíram enquanto professores.

Segundo o docente P5:

Eu considero como formação foi mais na prática que a gente acabou aprendendo a trabalhar com educação infantil, porque a formação inicial ela não deu conta, né. A visão que eu tenho hoje eu considero que eu não tive disciplina de educação infantil de fato, eu tive algo que foi muito *en passant* sobre desenvolvimento motor.

Para P5, a disciplina de Educação Física voltada para a Educação Infantil pouco contribuiu para sua atuação profissional com as crianças pequenas. Relatou uma breve e superficial (*en passant*) aprendizagem sobre desenvolvimento motor, de maneira que considera não ter tido formação específica.

Entendendo a infância como construção social, o professor P5 apontou a falha que a formação voltada apenas para o desenvolvimento motor acarretou ao entendimento do que é a Educação Infantil, denunciando, mais uma vez, a deficiência de sua formação acadêmica diante dos desafios encontrados em sua atuação docente.

A professora P4 relatou a falta de critérios para o ensino de Educação Física na Educação Infantil ao comentar sobre a ausência de professor especialista para as aulas, no primeiro semestre de dois em que a disciplina foi abordada, no curso de licenciatura. A vaga foi ocupada por um professor cujo objeto de estudo não era a escola. Nas palavras da professora, a licenciatura e o bacharelado foram tratados “como se fosse a mesma coisa”, algo com o qual a professora P4 discordou. A licenciatura tem como objeto de estudo a atuação docente no contexto escolar, que possui especificidades diferentes dos ambientes de educação não formais, e essas especificidades deveriam ser estudadas ao abordar uma faixa etária específica, como o caso da Educação Infantil. P4 disse que um professor temporário foi contratado no semestre seguinte para ministrar as aulas, momento em que a formação se qualificou com diversas discussões, olhares de diferentes áreas para a infância e vivência prática como docente em uma EMEI da região.

Após a conclusão do curso de graduação, o professor P3 realizou uma especialização voltada para a Educação Física escolar, na mesma instituição em que se graduou. Ele relatou ter tido novamente, neste curso, uma disciplina de Educação Infantil que foi muito similar à da graduação, voltada para o desenvolvimento motor e sem outras abordagens da infância e da criança. Sobre a disciplina de graduação, relatou:

A disciplina teve um ano, acho que chamava educação infantil e também com relação ao desenvolvimento e desenvolvimento de atividades, a gente teve uma aplicação também, inclusive em uma EMEIEF, nós fomos um dia na prática para aplicar com algumas crianças e depois... Mas era bem

superficial. Alguns jogos... Mas era bem doutrinado em relação ao desenvolvimento da criança (P3).

Em relação à disciplina de pós-graduação:

Nada muito diferente do que era na graduação, como era uma pós, voltada para a escola na Educação Física escolar, várias das disciplinas acabavam auxiliando, tive uma disciplina que era em relação a construção de brinquedos, então o que eu uso bastante com os pequenos, é... Algumas outras disciplinas acabam colaborando, mas a disciplina em si, acho que não teve nada de novidade. (P3).

Partindo da formação básica insuficiente relatada pelos professores P1, P2, P3 e P5, a atuação em escolas com Educação Infantil tem se mostrado um desafio para eles. Durante suas aulas, os docentes têm encontrado algumas dificuldades ao atuar com essa etapa de escolarização, como a falta de interesse das crianças em participar das aulas e dúvidas sobre como favorecer o protagonismo infantil. Manifestaram-se, relatando crianças dispersas e uma infância atual diferente da vivenciada por eles anos atrás.

CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

Os professores participantes da pesquisa apontaram que a quantidade de crianças por sala era fator prejudicial para a qualidade das aulas. Nas escolas municipais de Santo André as turmas de Educação Infantil contam com até trinta crianças por sala. O Plano Municipal de Educação (SANTO ANDRÉ, 2016), em sua Meta 1, Estratégia 1.6, prevê até vinte crianças de 4 e 5 anos por turma, tendo um professor responsável. Até a elaboração deste estudo essa meta ainda não havia sido atingida.

Os docentes relataram que entre as trinta crianças havia alunos com transtornos comportamentais variados e/ou deficiências, cabendo ao professor, muitas vezes sozinho, dar assistência às inclusões em paralelo ao desenvolvimento da aula e de todos os outros alunos, o que se torna muito difícil neste nível de ensino, pois o trabalho com as crianças permeia tanto o educar como o cuidar. Sozinho em uma quadra, o professor fica refém do cuidar, deixando o educar de lado. Oliveira-Formosinho (2002) fala sobre a especificidade e singularidade do

trabalho dos profissionais de Educação Infantil de acordo com as necessidades específicas das crianças pequenas:

À globalidade da criança pequena acresce a sua fragilidade, necessitando a criança de cuidados constantes como base para o seu desenvolvimento. Há na educação de infância uma interligação profunda entre educação e “cuidados”, o que contribui igualmente para a abrangência do papel da educadora em relação aos professores de outros níveis educativos. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002, p. 139).

Diante de turmas grandes, as professoras P1, P2 e P4 relataram um grande desafio conseguir manter a atenção das crianças nas atividades propostas, bem como em despertar nelas o interesse pela aula de Educação Física. Segundo relato da professora P2, os alunos de uma de suas turmas não se interessam por nada que ela leva para as aulas; as crianças se organizam em pequenos grupos e ficam brincando de maneira espontânea com algo de interesse próprio, desconectados da proposta da aula. A mesma dificuldade é destacada pela professora P1, que comenta sobre “a falta de concentração, de atenção; eles se distraem se dispersam com muita facilidade”. Mello et al. (2016) não compreendem o desinteresse e a aversão apresentados pelas crianças durante as aulas como indisciplina, mas como forma de expressão de seus desejos que divergem das expectativas dos adultos.

Relacionando as falas dos professores com a literatura (AYOUB, 2001, 2005; BASEI, 2008; BONFIETTI, 2019; CAILLOIS, 2001; DAOLIO, 1995; EHRENBURG, 2019; FREIRE, 2008; FRIEDMANN, 1996; GARANHANI e NADOLNY, 2011, 2015; GUIRRA; PRODÓCIMO, 2010; HUIZINGA, 2007; KISHIMOTO, 2011, 2014; MELLO ET AL., 2014, 2016; OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002; SARMENTO, 2008, 2013; SAYÃO, 2002, 2008; SIMÃO, 2005; ZIMMERMANN, 2014), a aula de Educação Física parece não fazer sentido para as crianças, que buscam o prazer em outras atividades, desafiando os professores tanto a compreendê-las enquanto seres produtores de conhecimento, como a entenderem as infâncias que estão vivendo.

A professora P1 relatou se questionar sobre as diferentes infâncias existentes e as especificidades de cada uma delas, observando que não tinham mais as mesmas características de sua infância, que diferiam de uma escola para a outra, às vezes até em turmas distintas na mesma escola. Corroborando a professora P1, o

professor P5 falou das mudanças sociais como fatores impactantes no que significava ser criança então. Sarmiento (2013) comenta sobre a diversidade encontrada dentro da categoria social da infância. Por ser considerada uma classe social, as crianças possuem elementos comuns a todas. Porém, por ser socialmente construída, as expressões de sua cultura são diversas. O autor alerta sobre a importância de romper com o “adultocentrismo”, em que a criança é estudada partindo da visão e expectativa do adulto e sua infância (SARMENTO, 2008).

A infância é uma categoria geracional que necessita de ser estudada de modo a articular os elementos de homogeneidade (características comuns a todas as crianças, independentemente da sua origem social: estatuto social como grupo etário dependente dos adultos; estatuto político idêntico com inibição de direitos eleitorais até aos 16/18 anos; interdições e obrigações geracionais - proibição de trabalhar, de casar ou de consumir bebidas alcoólicas e obrigação de frequência escolar; características macro- estruturais comuns, como a demografia, políticas públicas direccionadas para as crianças, mercado de produtos para a infância, etc.) com os elementos de heterogeneidade, inerentes ao facto das crianças serem também desigualmente distribuídas pelas diferentes categoriais sociais (classe social, género, etnia, subgrupos etários) (SARMENTO, 2008, p.20).

Dada a especificidade da Educação Infantil, o grupo pesquisado entendeu necessário estabelecer um olhar mais cuidadoso com o espaço escolar destinado às aulas. A estrutura das escolas de Educação Infantil não atende às necessidades dos alunos e faltam locais adequados e seguros para realizar as aulas. A organização dos espaços e atividades está muito voltada para o controle, disciplinarização e alfabetização, com carteiras enfileiradas e pouco locais que favoreçam o movimento corporal. No município, as escolas que contam com professores de Educação Física são de Educação Infantil e Ensino Fundamental, o que privilegia a estruturação física para as crianças mais velhas. A professora P4 relatou, já na Educação Infantil, uma valorização da alfabetização em detrimento das experiências e brincadeiras, o que tem servido como preparação para o Ensino Fundamental em vez de se constituir em uma etapa com saberes e vivências específicas de um grupo de pessoas.

ESPECIFICIDADES DO ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças pequenas possuem saberes e características próprias que representam uma categoria social específica, que já é, e não que virá a ser. Para Sayão (2002 apud BONFIETTI, 2019), o discurso de preparação das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental ainda está presente na escola e foi potencializado após a formulação do Ensino Fundamental de nove anos, no qual a alfabetização é vista como o aspecto mais valorizado, em detrimento de outros saberes.

Pensar a Educação Infantil como uma etapa similar ao Ensino Fundamental significa desconsiderar a especificidade da criança. Staviski, Surdi e Kunz (2013) falam do tempo e da pressa da vida adulta que influenciam a infância das crianças: enquanto os adultos buscam funções, propósitos e objetivos para as atividades, visando o futuro. A criança brinca pelo brincar, atua no presente para satisfazer seus prazeres momentâneos e suas necessidades vitais. Ao se manipular as atividades adiantando e apressando tarefas, direcionando os afazeres e limitando a criatividade, percebe-se os pequenos se desinteressam pelas aulas, mostrando que, na verdade, aquilo não tem sentido nem proporciona prazer para eles, naquele momento.

Sobre a necessidade de direcionar um olhar específico para a Educação Infantil, o professor P5 falou que as escolas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental deviam ser separadas. Somente organizando a escola para a Educação Infantil é que a infância será valorizada e respeitada pelo que é. Para Sayão “o espaço, assim como o corpo, não é neutro. Ele está permeado por relações sociais que situam os sujeitos humanos em referentes culturais” (2002, p. 63-64) e a escolha de um espaço que valoriza as interações, experiências e vivências culturais é imprescindível para uma educação que respeita a criança como ser social.

Durante a discussão sobre as estratégias didáticas usadas ao atuar neste ciclo, o professor P5 ressaltou a importância das experiências, para a criança. Valorizar o conhecimento e as percepções que a criança traz e as vivências que já foram e serão experimentadas por ela remete a uma concepção de criança enquanto produtora de conhecimento. É através de suas experiências que novos

conhecimentos serão produzidos. A importância das relações para que a criança possa explorar e trocar conhecimentos também é citada por Sayão:

Na pedagogia da educação infantil, as crianças e as interações que estabelecem entre si e com os adultos são o ponto de partida para a construção e reconstrução de uma cultura que está viva, é dinâmica, na qual o “corpo e o movimento”, seus sentidos e significados são vistos e vividos como características especificamente humanas. (SAYÃO, 2002, p. 65.).

O professor P5 comentou como as mudanças sociais estão refletindo nas aulas: “A escola está dando conta de coisas que não eram para ela dar conta”. Sendo assim, aulas baseadas apenas na psicomotricidade não abrangem as necessidades das crianças de hoje. Durante as falas, os professores comentaram sobre a realidade das crianças que chegavam às escolas em que atuavam: crianças que passam pouco tempo com a família. Nesse caso, quem as educa? Crianças que não brincavam com o movimento, que passavam o período em que estavam fora da escola, em casa assistindo televisão, pois as famílias temiam a violência do entorno, enquanto outras passavam os dias brincando nos Centros Esportivos da cidade ou até mesmo na rua.

Diante dessa diversidade de experiências vivenciadas pelas crianças, mais uma vez a escola e, por conseguinte a Educação Física buscam repensar suas práticas, para que possam acolhê-las e dar significado às ações propostas.

A professora P4 citou o controle do corpo da criança como um paradigma em seu trabalho, pois ao mesmo tempo em que acredita em uma educação que liberte se percebe, em alguns momentos de aula, tentando controlar a criança. Esse conceito de controle do corpo é apresentado por Foucault (1997) e representa situações em que é exercido poder sobre um indivíduo pela disciplinarização, visando construir corpos dóceis por seguirem as regras impostas e capazes, por serem fortes e aptos à produção. A docente acreditava que, ao reforçar as regras nas aulas e insistir para que a criança fizesse o que propunha, estava condicionando essa criança a silenciar e obedecer algo, que a própria não entendia como função da educação, pois acreditava que a educação devia ser libertadora, ensinando a pensar e questionar.

Ser professor é uma função desafiante, que requer atenção e dedicação. Colocar regras que busquem a segurança das crianças e que favoreçam a aprendizagem de alguns conteúdos não significa cercear e espontaneidade do aluno. Para Freire “não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade/liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade” (1997, p. 61). Segundo o autor, para ser professor são necessários vários saberes, entre eles o bom senso:

É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever. (FREIRE, 1997, p.61).

Sendo assim, não é o ensino ou a cobrança de regras que impede uma educação libertadora, mas a forma com que elas são propostas, ferindo e desrespeitando a autonomia da criança. Ao professor cabe mediar as atividades e ações para que o ensino ocorra tendo a criança como protagonista e o professor como autoridade responsável por favorecer os processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Freire aborda o papel da escola em silenciar os corpos. Cita uma escola que historicamente separa mente e corpo: este é visto como meio para a locomoção, enquanto aquela é o canal para a aprendizagem. Assim a instituição visa mobilizar apenas a mente, e para isso quanto mais controlado o corpo estiver melhor. O autor relata a importância do movimento para as crianças e como ele faz parte da cultura infantil. “Sem viver concretamente, corporalmente, as relações espaciais e temporais de que a cultura infantil é repleta, fica difícil falar em educação concreta, em conhecimento significativo, em formação para a autonomia, em democracia e assim por diante” (FREIRE, 2008, p.14).

A esse respeito, a docente P4 comentou sobre uma criança espontânea da Educação Infantil, que não cedia às interpelações de outras pessoas e que ia atrás do que lhe interessava, “sem fingir”, enquanto os alunos do Ensino Fundamental já haviam sido “treinados”, faziam o proposto mesmo sem vontade, tendo “aprendido” a

seguir as normas impostas pela escola. Isso mostra o quanto, ainda hoje, a escola toma para si o papel de imobilizar o corpo.

Freire critica a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, que já na primeira etapa inicia o processo de imobilização.

As crianças começam a sofrer os efeitos dos equívocos educacionais desde cedo, já nas escolas maternas e nas pré-escolas. Apesar de nessa fase escolar não terem de ficar sentados todo um período do dia, ou se enquadrar numa disciplina do tipo militar, esses pequenos têm seus passos gradativamente reduzidos e orientados para umas poucas trilhas: aquelas que os conduzirão, em “segurança”, para a escola e para a “vida”. (FREIRE, 2008, p.13).

Também Sayão fala da imobilidade, à qual as crianças são submetidas na escola, como um controle dos adultos sobre elas, anulando seus corpos e consequentemente sua identidade infantil:

Passamos, então, a cobrar das crianças uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico – sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos. Os adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as como sujeito de direitos, até mesmo não reconhecendo o direito de movimentarem-se. (SAYÃO, 2002, p.57-58).

A criança respeitada enquanto sujeito de direitos necessita de uma educação que valorize seu protagonismo, questão trazida pelo professor P5 como seu maior desafio profissional ao atuar na Educação Infantil. Dar voz à criança e construir uma aula significativa que valorize os interesses dos pequenos e sua cultura, rompendo assim o ciclo de invisibilidade, são desafios encarados pelo professor P5 diariamente. Sua estratégia para lidar com essas questões é trabalhar com planejamento e criação conjunta com os alunos. Ao apresentar a temática a ser estudada, ele progressivamente questiona e fomenta discussões e criações. Partindo da problematização e mediadas pelo professor, as crianças se expressam e experimentam movimentos.

Então por exemplo meus dois últimos temas a gente trabalhou jogos indígenas, mas não levando em consideração o jogo em si, mas o como eles viam o indígenas, partiu dessa pergunta, e no último o como surge os movimentos, pensando nos homens das cavernas, então eram os doistemas que eu levei para eles, e aí foi um desafio para mim porque a ideia é fazer com que eles criem, então foi uma aula que eu filmei várias vezes, até para fazer uma releitura e a gente ver o quanto eles são capazes de criar. Então eu tive aí 6 meses, 5 meses de aula e eu consegui trabalhar 2 temas

eles produzindo a aula né. Fala mas o que que o índios brincam? Aí eu trazia alguns elementos, ah mas como que eles fazem, eles comem, eles caçam? Eles foram dando sinais para mim para a gente confirmar a aula junto. Quando eu fui lá no, na na temática de como surge os movimentos dos homens das cavernas aí eu soltei mais ainda, falei assim, agora o tema é esse e eu quero que vocês produzam. Como eles criavam os movimentos? Então eu dei, espalhei pela quadra um monte de material né, pedaço de bambolê, tambor, balde, o que será que eles faziam para criar movimentos, e aí foram, cada aula eles foram criando, ah eles se reuniam assim, eles andavam assim, como eles conseguiam equilíbrio, eles foram criando hipótese e resolvendo e chegou um momento em que eles estavam se agrupando, por grupos mesmo né, fazendo uma mini sociedade na aula e você fala cara, olha só. (P5).

Essa abordagem pedagógica do professor valoriza os conhecimentos da criança, que se expressa de diversas formas. Para Garanhan e Nadolny “a criança necessita agir para compreender e expressar significados presentes no contexto histórico-cultural em que se encontra” (2015, p. 67) e a possibilidade de criação e movimento partindo do repertório infantil favorece uma aprendizagem mais significativa para a criança, que compreende a cultura corporal através de sua ação no mundo.

A professora P1 relatou utilizar aulas historiadas para envolver as crianças. O planejamento flexível indica como a aula irá começar e orienta seu desenvolvimento, enquanto as crianças alimentam-na gradualmente com possibilidades de ações e movimentos. Esse tipo de aula permite que elas utilizem seus conhecimentos, que são valorizados ao serem incorporados na história.

A gente tem feito muitas aulas historiadas, onde a gente começa a história e durante a história a gente vai fazendo as atividades, os movimentos, as brincadeiras, mas eles vão entrando na história e assim é uma história que começa a princípio planejada mas que a sequência dela as vezes é feita por eles. E aí? Se a gente esta caminhando ali naquele local, fazendo determinada coisa, o que que vocês acham que pode acontecer? Ah a gente pode fazer isso. Aí usa aqueles espaços. (P1).

Basei ressalta a “necessidade de as práticas pedagógicas na educação infantil proporcionarem às crianças esse espaço de criação, de expressão e de construção do conhecimento através das suas experiências e vivências de movimento” (2008, p. 06), colocando assim a criança na função de produtora de sua cultura.

A professora P4 citou a participação das famílias durante o ensino para atrair o interesse das crianças pelas aulas. Ao tematizar o “Bumba meu boi”, as crianças envolveram-se na construção dos materiais utilizados para a aula e o trabalho tomou proporções maiores ao ser planejado em conjunto com a professora polivalente da turma, que sugeriu pedir auxílio às famílias. Esse envolvimento causou interesse em toda a comunidade escolar, pois os pais queriam assistir às aulas e pediram para acompanhar uma apresentação do que foi realizado. As crianças ficaram animadas com o que as famílias estavam produzindo e pediram para continuar o estudo. A escola abriu as portas para uma apresentação coreográfica e todos puderam apreciar algo criado com as crianças. A docente comentou a relevância que o trabalho teve para o grupo, apesar de ter se tornado bastante cansativo, o que se relaciona com uma das dificuldades apresentadas anteriormente (sobre salas com grande número de crianças), pois confeccionar materiais com os alunos da Educação Infantil é trabalhoso, visto que as crianças precisam de suporte, muitas vezes individual, dificultando, com essa demanda de trabalho, o planejamento e execução das aulas de todas as turmas.

Ao citar as propostas do currículo da rede e da BNCC (BRASIL, 2017) o professor P5 comenta sobre uma possível associação do campo de experiência envolvendo corpo, gesto e movimento exclusivamente à Educação Física, o que ele entende ser um erro, pois o documento nacional propõe justamente a não fragmentação do conhecimento pensando na formação integral da criança pequena. Sendo assim, é função do professor de Educação Física desenvolver com as crianças da Educação Infantil todos os campos de experiência da BNCC (BRASIL, 2017) e do currículo do município junto da professora polivalente.

Nos relatos das estratégias utilizadas pelos professores, a presença da brincadeira como parte fundamental para o trabalho com a Educação Infantil ficou bastante evidenciada, ressaltando-se como eixo das atividades com esse grupo, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017). Os docentes disseram utilizá-la para apresentar a cultura corporal para as crianças, pois brincando elas jogam, dançam, exploram, conhecem seu corpo, suas possibilidades e potencialidades. Se

orientando, assim, pelo currículo da rede que foi produzido tendo como principal documento norteador a BNCC (BRASIL, 2017).

A brincadeira como possibilidade de aprendizagem na Educação Física, para o grupo entrevistado, depende da intencionalidade do professor. O olhar pedagógico, o direcionamento e a mediação das ações criam possibilidades para que as crianças possam aprender e se desenvolver brincando, de acordo com os objetivos que os docentes elencam para a aula.

Como especificidade da Educação Física, os docentes ressaltaram a importância da tematização das aulas, que diferencia uma brincadeira livre e espontânea de uma brincadeira com objetivos pedagógicos. Ao escolherem os temas da cultura corporal a serem estudados, os professores propõem brincadeiras que permitem às crianças explorarem e aprenderem a partir do lúdico como facilitador da aprendizagem.

JOGOS E BRINCADEIRAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao falar sobre os jogos e brincadeiras em suas aulas, os professores entendem o brincar como manifestação do lúdico e direito da criança, enquanto o jogar é visto enquanto expressão de um tema específico da Educação Física.

O professor P3 relatou que em suas aulas a brincadeira é “a estratégia, é a ferramenta que a gente utiliza para poder desenvolver a nossa aula. Independente da temática” (P3), enquanto a professora P1 exemplifica seu trato com o jogo como conteúdo:

Jogos, eles entram como conteúdos, na minha visão assim. Em alguns momentos. Por exemplo, a gente trabalha jogos do mundo. Aí que jogos, que jogo se faz na Austrália, na Argentina, na China no Japão. Jogos africanos, jogos indígenas, é... A gente lá na escola, a gente tratou os jogos como conteúdo. (P1).

De acordo com Kishimoto, o entendimento de jogo varia em diferentes culturas e “no Brasil, termos como jogo e brinquedo e brincadeira ainda são

empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação deste campo”. (KISHIMOTO, 2011, p.19).

Friedmann define os termos brincadeira, jogo, brinquedo e atividade lúdica como:

Brincadeira refere-se, basicamente, à ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não-estruturada; *jogo* é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; *brinquedo* é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar; *atividade lúdica* abrange, de forma mais ampla, os conceitos anteriores. (FRIEDMANN, 1996, p.12, grifos da autora).

A BNCC apresenta o jogo como unidade temática da área de Educação Física, como o documento não divide o ensino em disciplinas, na Educação Infantil, apenas a partir do Ensino Fundamental, o jogo como linguagem própria aparece apenas a partir do 1º ano do Ensino Fundamental. Como temática, a BNCC define o jogo como de maneira similar as autoras citadas acima.

A unidade temática Brincadeiras e jogos explora aquelas atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras, pela obediência de cada participante ao que foi combinado coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si. Essas práticas não possuem um conjunto estável de regras e, portanto, ainda que possam ser reconhecidos jogos similares em diferentes épocas e partes do mundo, esses são recriados, constantemente, pelos diversos grupos culturais. Mesmo assim, é possível reconhecer que um conjunto grande dessas brincadeiras e jogos é difundido por meio de redes de sociabilidade informais, o que permite denominá-los populares. (BRASIL, 2017, p.172).

O documento cita a possibilidade de o jogo ser utilizado como estratégia de ensino, auxiliando o professor a trabalhar e ensinar outras temáticas. Porém, na unidade temática de jogos e brincadeiras, ressalta a importância de abordar o jogo como um conhecimento próprio, valorizando a cultura e linguagem específicas dessa manifestação cultural.

De acordo com as definições acima, os professores utilizam ambos, brincadeira e jogo, como estratégias de ensino, conforme trechos a seguir:

Quando eu trabalhei lá no começo do ano a ginástica, que foi tema da aula, foi por meio da brincadeira. Quando eu trabalhei lá a dança, foi através dos jogos. Com dança, das brincadeiras com dança. Quando eu trabalhei a cultura indígena, foi através dos jogos indígenas. E quando a gente foi para os homens das cavernas foi através das brincadeiras que utilizam os movimentos [...] Então nas minhas aulas tudo é baseado na brincadeira.

Que seja de corda, que seja de bambolê, que seja utilizando algum material. (P5).

E eu trabalho com temas, e aí, por exemplo, fui trabalhar capoeira, mas eu passava os movimentos, mas com o objetivo de fazer uma brincadeira né, é, sempre, nunca a luta em si né, vai um, vai fazer dupla, vai fazer os movimentos. Não, passava os movimentos, passava a história e ia para um pega-pega capoeira né, ia para uma musiquinha a maré subia. Eu cantava e eles tinham que fazer como se fosse um vivo ou morto, mas [...] Dentro da capoeira fazendo é, os movimentos que parte baixa parte alta. Então por mais que eu trabalhe com temas, falo ah, quero trabalhar música. Brincadeiras cantadas. Então, brincadeiras de rua. (P4).

Os jogos tradicionais estão em diferentes temas das aulas citadas pelos professores. Pega-pega, vivo ou morto e pular corda são brincadeiras que apresentam regras específicas, tem duração, proporcionam o lúdico e se constituem como fins em si mesmos para as crianças, mas nem sempre com a intencionalidade de abordar o jogo por si só, pelos docentes. Esses jogos trabalhados, de origem anônima, passados de geração em geração através da oralidade, mantendo vivo o folclore infantil conforme Kishimoto (2014).

A professora P4 relatou que, ao ingressar na rede municipal de ensino e atuar com a Educação Infantil pela primeira vez, sentiu um desconforto ao trabalhar o jogo espontâneo através da exploração de materiais. Tinha a ideia de que a criança precisava estar ocupada com atividades dirigidas pelos adultos, caso contrário não estaria de fato aprendendo. Friedmann cita a importância desses momentos de autonomia:

Oferecer oportunidades para as crianças manifestarem seu protagonismo não é necessariamente sinônimo de “caos” ou “falta de controle” por parte dos adultos, como muitos podem pensar. É um caminho importantíssimo para possibilitar que as crianças dos mais variados contextos e grupos socioeconômicos e culturais exerçam seus direitos de serem quem efetivamente são, descubrirem o mundo ao seu redor, aprenderem a conhecer e conviver com outras crianças, jovens e adultos e descobrirem e desenvolverem seus potenciais. (FRIEDMANN, 2017, p.44-45).

Com o tempo a professora começou a perceber a importância desses momentos, entendendo seus papéis como docente e mediadora, escolhendo espaço, tempo e material que favoreceriam a aprendizagem, de acordo com os objetivos da aula. Não se tratava de momento de falta de controle de sua parte, mas

de uma estratégia didática para que as crianças pudessem se desenvolver e se expressar com liberdade de escolha.

Caillois (2001) define o jogo como uma atividade não produtiva. Sua importância está no próprio ato de jogar. Se o valor está no fazer, a aprendizagem ocorre quando o jogo acontece. Reconhecer a importância do jogo para o desenvolvimento da criança, possibilitando que isso aconteça nos momentos escolares sem interferência direta do adulto, é uma possibilidade que permite o desenvolvimento integral da criança, a aprendizagem, a autonomia e o protagonismo infantil.

O jogo espontâneo é uma importante estratégia de diagnóstico dos saberes das crianças, bem como de suas personalidades, dando valiosas informações aos professores, que encontram assim uma possibilidade de dar voz à criança, valorizando suas escolhas e conferindo significado para as aulas. O professor, enquanto mediador desse processo deve conhecer as características da infância, as concepções e significados dos jogos, as especificidades da Educação Infantil e as individualidades de seus alunos, diagnosticando seus saberes, anseios e interesses de maneira a estimular os jogos mais interessantes aos objetivos de aprendizagem do grupo socio cultural.

Para Friedmann (1996) o jogo espontâneo é um meio de propagar o folclore e a cultura infantil, além de instrumento de diagnóstico dos saberes das crianças. Ele é importante para que o professor possa definir o que será trabalhado com a turma de acordo com a relevância dos temas para os alunos pequenos.

Ao serem questionados sobre a importância de estudar os jogos tradicionais infantis, os professores ficaram em dúvida com relação ao termo tradicional e sua relevância para as crianças atualmente.

Para Friedmann:

O jogo tradicional é aquele transmitido de forma expressiva de uma geração a outra, fora das instituições oficiais, na rua, nos parques, nas praças etc., e é incorporado pelas crianças de forma espontânea, variando as regras de uma cultura a outra [...] Esses jogos são imitados ou reinterpretados, perpetuando-se sua tradição. (FRIEDMANN, 1996, p.43).

Se ele é transmitido de uma geração a outra, sendo reinterpretado com regras variadas dependendo da cultura, o jogo tradicional é vivo e atual, e sua denominação (tradicional) está associada a sua história nas diferentes culturas, a sua perpetuação e origem desconhecida, e não a algo retrógrado e irrelevante para a atualidade. Para Zimmermann, retomar o que entendemos como importante em nossa história “não envelhece a nova geração, mas renova a tradição” (ZIMMERMANN, 2014, p.159).

Para a autora:

Todo jogo tem por essência a experiência da repetição, portanto, de certa forma, carrega também o princípio da tradição. As contradições, conflitos e possibilidades que identificamos em reação ao tema da tradição são muito bem retratados nos jogos tradicionais e, mais especificamente, em sua coexistência com o esporte moderno. (ZIMMERMANN, 2014, p.159).

Ela comenta que a repetição se dá pelo desejo de experienciar o jogo, gerando a possibilidade de ressignificá-lo, renovando-o sem que perca sua essência.

Para o professor P5, ao mudar uma regra, o jogo deixa de ser tradicional e se torna contemporâneo:

O jogo e a brincadeira tanto a gente vai chamar de tradicional como contemporâneo, aconteceu uma mistura. Que assim, eles são essenciais acho que para a aula. Só que eu não consigo mais dividir como tradicional ou não. Igual o pular corda é uma brincadeira que ela navega tanto no antes como agora. Só que ela pode ter, ser cantada com uma música de funk por exemplo. Então acho que existe uma transposição aí que faz essa miscigenação do tradicional com o contemporâneo (P5).

De acordo com Friedmann (1996), é possível alterar elementos do jogo tradicional para adaptá-lo às condições atuais preservando seu significado, mantendo sua importância cultural, resgatando sua essência e atendendo às características contemporâneas.

Sendo assim, o jogo tradicional não perde seu valor cultural, independentemente das mudanças que sofra ao longo do tempo, pois a ressignificação de acordo com a cultura local é uma de suas características. O jogo, ao incorporar temas contemporâneos, não deixa de ser tradicional.

Para Kishimoto:

Considerando como parte da cultura popular, o jogo tradicional guarda a produção espiritual de um povo em certo período histórico. Essa cultura não oficial, desenvolvida, sobretudo pela oralidade, não fica cristalizada. Está

sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo (KISHIMOTO, 2014, p.13).

Os cinco professores participantes deste estudo apontaram uma mudança da infância, pois as crianças não brincam mais na rua. Em vez disso, passam seu tempo livre assistindo TV ou jogando videogame, conforme Friedmann (1996) também menciona. A autora acredita que uma maneira de trabalhar com essas mudanças é através do “resgate do jogo nos diferentes contextos sócio-culturais” (FRIEDMANN, 1996, p.46), pois eles constituem importantes instrumentos de valorização da cultura, folclore e aprendizagem e educação da criança.

As professoras P1 e P4 relataram como trabalharam os jogos tradicionais em seus planejamentos. A primeira resgatou jogos com as famílias dos alunos e percebeu um grande interesse das crianças em realizarem os mesmos jogos de seus pais e avós. A professora P4, conversando com as crianças sobre as férias, fez um levantamento das brincadeiras mais frequentes entre elas, e, partindo de seus relatos, desenvolveu jogos de rua. A professora se surpreendeu durante as aulas por as crianças citarem jogos como bolinha de gude, pular corda e três-marias, atividades que ela julgava não serem mais experienciadas pelas crianças. Ao finalizar a sequência didática, a docente questionou as crianças sobre o que tinham sentido falta na aula, elas responderam amarelinha, jogo também tradicional em nossa cultura, demonstrando a atemporalidade dessas manifestações corporais. Friedmann confirma a prevalência ainda hoje de jogos tradicionais que “persistiram e não precisam ser ressuscitados [...] alguns diminuíram, mas não desapareceram” (FRIEDMANN, 1996, p.50).

O professor P3 comentou que um mesmo jogo podia ter variações e citou a brincadeira da batata quente. “Às vezes traz outras versões da mesma, da mesma música, mas outra forma de cantar, dependendo de onde vem essa família” (P3). Reconheceu assim que os jogos tradicionais infantis sofrem transformações de acordo com o grupo que os manifesta, mostrando suas ressignificações culturais, como citam Friedmann (1996) e Kishimoto (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de inúmeros desafios vividos pelos professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil, como formação específica insuficiente, ausência de espaço adequado para as aulas, fragmentação do currículo, entre outras, este estudo, cujo objetivo foi compreender as dificuldades dos docentes da área da Educação Física que atuam na Educação Infantil e a utilização dos jogos e brincadeiras nas aulas, nos permite perceber que a Educação Física tem se legitimado cada vez mais na Educação Infantil.

O processo de formação básica foi insuficiente para compreensão da infância e da educação infantil, havendo predomínio das ciências biológicas sobre as ciências humanas que ainda repercute na ação profissional, mas há compreensão da necessidade de formações complementares para desenvolvimento da docência na educação infantil e os professores estão dispostos a repensar suas práticas e aprofundar seus conhecimentos na temática em questão. Para as universidades cabe repensar seus currículos abrangendo a infância em diferentes concepções bem como a imersão em escolas de educação infantil.

Além das dificuldades como a falta de especificidade da formação inicial, espaços físicos inadequados para as aulas e número grande de crianças por turma a maior delas relatada é de cunho didático. Entender as infâncias presentes na escola e dar voz a elas, adequando as aulas para as diversas realidades vivenciadas é a questão mais difícil para os professores participantes da pesquisa. Considerando o objetivo deste trabalho, essa é a principal dificuldade relatada pelos professores.

Para os docentes que participaram da pesquisa, o conceito de jogo é concebido como conteúdo específico da Educação Física, porém em seus exemplos ele apareceu em diversos momentos como estratégia de ensino. A facilidade de atrair a criança por meio do jogo mostra o quanto ele se mostra relevante como linguagem infantil. A prática do jogo não se caracterizou como forma de ser e estar da criança, pois elas não fingem ser o que não são ou gostar do que não lhes interessa, e em alguns momentos sua autenticidade foi vista como indisciplina na fala dos docentes, isso demonstra a necessidade de trazer conhecimentos significativos e relevantes

para eles, bem como a necessidade de aprofundar os estudos sobre os jogos e brincadeiras para que seu trato extrapole o instrumental e seja abordado como linguagem própria reconhecida pelas infâncias.

Diante do desafio de adentrar um campo de atuação relativamente novo para os professores, mas não tão novo para a área, pois por lei a Educação Física é componente obrigatório na Educação Infantil desde a década de 90 (BRASIL, 1996), os docentes participantes do estudo têm buscado estudar, se aprimorar, reinventar e compreender cada vez mais as características das crianças e da infância, em trocas permanentes e estudos – formação em serviço, mas estes sentem necessidade de maior aprofundamento na sociologia da infância e nos estudos sobre as teorias do jogo. Alguns professores estão se qualificando em cursos de mestrado profissional em ensino, desse público, pequeno no tamanho, mas grande em suas potencialidades.

Houve compreensão sobre o potencial do jogo, mas ainda prepondera a visão de jogo instrumental por parte dos professores participantes da pesquisa. Os jogos e brincadeiras são essenciais no trabalho com essa fase de vida, pois possibilitam às crianças se desenvolverem em um ambiente lúdico, acolhedor e significativo, valorizando e ampliando sua visão de mundo e respeitando suas culturas. Abordá-los como uma manifestação que possui valor próprio, partindo na análise bibliográfica, parece um caminho para se valorizar a infância em suas várias especificidades.

Com os estudos da sociologia sobre a compreensão do ser criança o jogo pode ser entendido como linguagem, pois carrega consigo os valores culturais e sociais de várias gerações, os quais são apropriados e ressignificados pelas crianças quando lhes é permitido explorar e se comunicar através dele, se reconhecendo e expressando suas experiências, sentimentos e sensações. Reelaboram-se no faz de conta e, na contação de histórias, que proporciona imaginação, simbolização, cria o sonho, a espontaneidade, estimula a criatividade e só é possível com intensa comunicação corporal.

Pensando o corpo como uma construção social, seu entendimento precisa ser ampliado, dados os processos formativos básicos não terem se mostrado suficientes

para tal, pois apenas consideravam o corpo dentro de uma hierarquia de saberes motores e causador de desconforto quando se movimenta livremente.

Carteiras enfileiradas, ambientes e espaços controlados são observados como formas de restringir o movimento, e com isso a expressão das crianças, transformando-as em dóceis e reprodutoras, ao invés de espontâneas e criadoras. Visão fortalecida pelo discurso de preparação para o Ensino Fundamental e para a vida adulta, que não reconhece a infância como etapa específica, mas sim de transição para outras consideradas mais importantes.

Os docentes reconheceram que os processos formativos são constantes e que a formação básica em curso de licenciatura não abordou a infância e a Educação infantil filosófica e nem sociologicamente a contento, preponderando conhecimentos sobre o desenvolvimento motor e a psicomotricidade e entendem que daí decorrem as dificuldades ainda encontradas na prática docente.

Eles valorizam que a criança reconheça o jogo como sua linguagem, porém ainda encontram o desafio em deixar que ela fale através dele, que crie e se expresse para os diversos grupos com que se relaciona no ambiente escolar e fora dele. Herança de uma formação conteudista, que se esqueceu de olhar a criança como ser que é, como preconiza os estudos sociológicos que consideram a infância como uma classe social específica. Diante das discussões durante a entrevista demonstraram interesse em desenvolver estudos sobre o jogo

Outro desafio para os professores de Educação Física é olhar o jogo para além de sua abordagem como conteúdo. É preciso compreendê-lo enquanto cultura infantil que se manifesta e é recriado pelas crianças, isto é, é fundamental explorar a capacidade comunicativa e expressiva e deixá-las criar seus esquemas de aprendizagem, falar com o corpo todo sobre seus saberes e interesses. Com o prazer proporcionado pelo jogo o professor tem a possibilidade de instigar e provocar o desejo de aprender e criar de seus alunos.

O crescente interesse dos docentes em compreender a criança em sua dimensão social, seu lugar e suas marcas socioculturais deixadas no mundo, demonstra um avanço no olhar da Educação Física para a Educação Infantil, proporcionado pelo mundo do trabalho, sobretudo pelos estudos realizados nos

encontros de formação, no qual se realizou este estudo e se debateu a importância de olhar para a infância como uma classe social. Esse conhecimento está chegando nas escolas, mesmo que os professores não tenham tido acesso a ele nas universidades, na formação básica em nível de graduação e especialização. Apesar das inúmeras dificuldades abordadas tanto pela literatura quanto pelos professores entrevistados, estes seguem acreditando na valorização da infância, buscando superar os desafios e colocar as crianças no centro do trabalho, procurando ouvi-las e compreendê-las, valorizando sua produção de conhecimento e estimulando cada vez mais o que elas têm a dizer ao mundo.

São desafios a serem superadas com a organização do tempo escolar e a atuação coletiva de todos os docentes que atuam com as crianças, considerando o conhecimento acadêmico científico produzido pelas diversas áreas de estudo das infâncias que convergem para um ensino significativo. Essa integração precisa passar pela formação e capacitação em serviço dos docentes já atuantes.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, Eliana. Narrando Experiências com a Educação Física na Educação Infantil, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 6, n. 3, p. 143-158, 2005.
- AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a Educação Física na educação infantil. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, p. 53-60, 2001.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo, Edições 70, 2011.
- BASEI, Andréia Paula. A Educação Física na educação infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. *Revista Iberoamericana de Educación*, Madri, v. 47, p. 3-25, 2008.
- BONFIETTI, Priscila Errerias. Et. al. O/a professor/a de Educação Física na educação infantil. *Revista ambienteeducação*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 160-176, 2019.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*: conhecimento de mundo. Brasília, DF: MEC, 1998. v. 3.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Infantil*: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 dez. 2009.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 2001.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995.

EHRENBERG, Mônica. Caldas. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 181-198, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*: teoria e prática da Educação Física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIEDMANN, Adriana. Protagonismo infantil. In: LOVATO, A.; YIRULA, C. P.; FRANZIM, R. (org.). *Protagonismo*: a potência de ação da comunidade escolar. São Paulo: Ashoka: Alana, 2017. p. 42-45.

FRIEDMANN, Adriana. *Brincar, crescer e aprender*: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GARANHANI, Marynelma Camargo; NADOLNY, Lorena de Fátima. O professor de Educação Física na educação infantil: estratégias de um projeto de formação de professores no PIBID/CAPES-UFPR. *Cadernos de Formação RBCE*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 45-57, 2015.

GARANHANI, Marynelma Camargo; NADOLNY, Lorena de Fátima. O movimento do corpo infantil: uma linguagem da criança. *In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (org.). Caderno de formação: formação de professores: educação infantil: princípios e fundamentos.* São Paulo: Unesp, 2011. v. 3, p. 65-74

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação.* 12. ed. São Paulo: Papirus, 2009.

GUIRRA, Frederico Jorge Saad; PRODÓCIMO, Elaine. Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo? *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 708-713, 2010.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.* 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.* 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. *In: KISHIMOTO, T. M. (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.* 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15-48.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica.* 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, André da Silva. et al. A educação infantil na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos e interfaces com a Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 130-149, 2016.

MELLO, André da Silva. et al. Educação Física na educação infantil: produção de saberes no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 467-484, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORENO, Maria C.; CUBERO, Rosário. Relações sociais nos anos pré-escolares: família, escola, colegas. *In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (org.). Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.* Porto Alegre: Artmed, 1995. v. 1, p. 190-202.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afectos, entre a sala e o mundo. *In: MACHADO, M. L. A. (org.). Encontros e desencontros em educação infantil.* São Paulo: Cortez, 2002. p. 133-167.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração dos Direitos da Criança*. Nova York: ONU, 1959.

SANTO ANDRÉ. Prefeitura de Santo André. *Plano de Educação de Santo André Metas 2015 - 2025*. Lei no. 9.723. Santo André, jun. 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. T.; GARANHANI, M. C. (org.). *Sociologia da infância e a formação de professores*. Curitiba: Champagnati, 2013. p. 13-46.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SAYÃO, Deborah Thomé. Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento e quem separou tudo isso? *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 92-105, 2008.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e a Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 55-67, 2002.

SIMÃO, Márcia Buss. Educação Física na educação infantil: refletindo sobre a “hora da Educação Física”. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 25, p. 163-172, 2005.

SOARES, Carmen Lucia et al. *Metodologia do ensino de Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 11.

STAVISKI, Gilmar; SURDI, Agnaldo; KUNZ, Elenor. Sem tempo de ser criança: a pressa no contexto da educação de crianças e implicações nas aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 113-128, 2013.

ZIMMERMANN, Ana Cristina. O jogo: sobre encontro e tradições. In: ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. C. (org.). *Jogos tradicionais*. São Paulo: Pirata, 2014. p. 153-164.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CAMPUS DE RIO CLARO

Questões norteadoras para discussão com o grupo focal

1. Você teve formação específica para a Educação Física na Educação Infantil durante a graduação? E após concluir a graduação? Se sim como foi a formação?
2. Você se depara com dificuldades em sua prática junto a educação infantil? Se sim qual (quais) é (são) essa (s) dificuldades (s)? São relacionadas a questões estruturais, didáticas, metodológicas, etc.
3. Quais estratégias você usa para superar essas dificuldades?
4. Você utiliza os jogos e brincadeiras em seu planejamento? Como eles são inseridos nos planos de aula e no desenvolvimento dos mesmos?
5. Você tem interesse em estudar os jogos tradicionais infantis na Educação Infantil?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Título da Pesquisa: “O Ensino de Educação Física na Educação Infantil: desafios contemporâneos”

Nome da Pesquisadora: Daniella de Luca Goes

Nome da Orientadora: Luciene Ferreira da Silva

O (a) sr (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de Mestrado intitulada “O Ensino de Educação Física na Educação Infantil: desafios contemporâneos” que será desenvolvida por Daniella de Luca Goes, RG: 45.917.927-5, que tem como objetivo geral compreender de forma aprofundada as dificuldades dos docentes da área da Educação Física que atuam na Educação Infantil, neste momento histórico, no Município de Santo André, localizado no estado de São Paulo e como objetivos específicos entender as necessidades que os docentes possuem para atuação na Educação Infantil e se têm interesse em participar de uma intervenção durante as reuniões semanais para estudar o jogo na Educação Infantil.

Os participantes serão professores de Educação Física atuantes na Rede Municipal de Santo André- SP que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa, compondo um grupo de 5 professores. A sessão de Grupo Focal terá a duração de aproximadamente 40 minutos e terá o áudio gravado com dois equipamentos distintos, caso os participantes não aceitem a gravação a coleta se dará com a anotação das respostas pela pesquisadora.

Ao participar deste estudo o(a) sr.(a) permitirá que a pesquisadora Daniella de Luca Goes analise suas respostas com base nos referenciais teóricos elencados pela mesma.

As questões que serão debatidas no grupo focal serão disponibilizadas previamente para conhecimento dos envolvidos.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. A participação na entrevista poderá expor os participantes a riscos mínimos como constrangimento, sentimento de exposição, timidez ou desconforto. Visando minimizar os riscos será permitido que o participante tenha acesso ao material, às perguntas antes da gravação da entrevista, caso seja de sua vontade; esclarecimento de possíveis dúvidas do participante sobre sua participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações, para fins de pesquisa; remarcação da coleta, caso solicitado pelo participante e a interrupção da gravação do procedimento em áudio, caso seja observada alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante a coleta de dados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora (e/ou equipe de pesquisa) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

Ao participar desta pesquisa o (a) sr.(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo resulte em informações importantes relacionadas à Educação Física na Educação Infantil, na qual a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

O(a) sr.(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como não terá qualquer tipo de remuneração por sua participação.

O (a) sr. (a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o (a) sr. (a). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Se o(a) senhor(a) se sentir esclarecido (a) sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor(a) e a outra com a pesquisadora.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Santo André, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: O Ensino de Educação Física na Educação Infantil: desafios contemporâneos

Pesquisadora Responsável: Daniella de Luca Goes

Cargo/função: Discente do programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Instituição: UNESP Campus Rio Claro

Endereço: Rua Vitória da Conquista, 295. Cidade Patriarca. São Paulo - SP. CEP: 03556-060

Dados para Contato: Fone: 11 99130 0691 E-mail: daniella.goes@usp.br

Orientadora: Luciene Ferreira da Silva

Cargo/função: Docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências

Instituição: UNESP Campus Bauru

Endereço: Rua Manoel Pereira Rolla, 1255, ap. 104, Ed. Porto Real. Vila Cidade Universitária. Bauru – SP. CEP 17 012 190.

Dados para Contato: Fone: (14) 3103 6081 / 99162 8434

E-mail: silvalucienef@gmail.com

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento _____ de _____ Identidade: _

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Telefone

para contato _____

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Número do parecer: 3.770.433

APÊNDICE C

Transcrição das entrevistas com o grupo focal

D: Vocês tiveram formação específica para a Educação Física na educação infantil durante a graduação?

P1: eu tive um semestre, era uma disciplina que chamava Educação Física infantil

D: e como que era

P1: ela era voltada para estudar o desenvolvimento, aprendizagem motora, desenvolvimento motor como disciplina e na Educação Física infantil a gente revia, era uma revisão mais ou menos parecida com o desenvolvimento motor. Era um trabalho com a disciplina que era muito voltado para essa fase da criança, característica das crianças por faixa etária, e... Era muito voltada para a área de desenvolvimento motor.

D: teve relação com a escola?

P1: algumas práticas a gente fez, e... A gente teve algumas práticas que a gente planejava e assistimos algumas aulas na escola de aplicação da universidade, discutia essas práticas. A relação com a escola acho que foi mais nesse sentido, prática pedagógica mesmo

D: mais alguém teve?

P2: o meu teve também foi como uma disciplina acho que também foi um semestre e aí o conteúdo da disciplina era algo em torno do desenvolvimento motor né para tratar as características da infância e planejamento das atividades, então a gente chegou a tratar um pouco de jogos e brincadeiras neste período, mas basicamente isso também.

P3: eu tive também, foi um ano, a disciplina teve um ano, acho que chamava educação infantil e também com relação ao desenvolvimento e desenvolvimento de atividades, a gente teve uma aplicação também, inclusive em uma EMEIEF, nós fomos um dia na prática para aplicar com algumas crianças e depois... Mas era bem superficial. Alguns jogos... Mas era bem doutrinado em relação ao desenvolvimento da criança.

P4: era uma disciplina que se chamava Educação Física na educação infantil, só que era uma faculdade voltada para o desenvolvimentismo então, bem padronizada como são as fases da infância, e... Aí o primeiro semestre não tinha professor então pegaram um professor do bacharel para dar aula para educação infantil na licenciatura, infantil como se fosse a mesma coisa e no segundo semestre contrataram um professor. Aí esse professor que entrou como provisório ele trouxe uma visão mais humana, não tão biológica né, e aí ele passava documentários, a gente foi para a prática em um prezinho, uma EMEI em São Paulo, Butantã e aí ele trazia sempre a questão dos objetivos, trabalhava currículo trabalhava a questão dos objetivos que apareciam, crianças do infantil e ele trouxe bastante essas questões o que a gente pode discutir com o infantil, né, até sobre liberdade ele trouxe eu lembro até hoje que ele falava de liberdade, é se a gente podia discutir isso com o infantil ou não, a gente falava que não, que eles não iam entender e ele incentivava a gente que não que tudo que a gente quisesse discutir a gente poderia então ele salvou os dois semestres, ele que salvou vindo de fora e sendo provisório porque ele só ficou aquele semestre.

P5: bom, eu tive também, e a o currículo dessa disciplina focava no desenvolvimento motor também, níveis de habilidade, fases da criança e após a graduação eu considero como formação foi mais na prática que a gente acabou aprendendo a trabalhar com educação infantil, porque a formação inicial ela não deu conta né, a visão que eu tenho hoje eu considero que eu não tive disciplina de educação infantil de fato, eu tive algo que foi muito ampassã sobre desenvolvimento motor e após terminar o curso eu considero como uma formação na prática de como dar aula para a educação infantil.

D: mais alguém teve formação depois da graduação ou pós ou cursos específicos?

P1: eu fiz alguns cursos assim de extensão, fiz um curso de extensão Educação Física infantil, é... Mas também como ele disse foi a prática eu acho que auxiliou muito nessa forma como eu trabalho hoje com educação infantil, e a prática e uma análise pessoal eu acho que através de leitura de artigo e as vivências que a gente vai tendo eu acho que vai formando um professor para a educação infantil

muito mais do que a formação inicial no curso de Educação Física, eu concordo com, nesse sentido, para mim também foi muito forte a prática que a gente teve ela influenciou bastante a forma como eu trabalho hoje

D: alguém teve alguma outra experiência com essa faixa etária de estudo para depois da graduação?

P3: eu fiz a pós na fefisa em Educação Física escolar e tinha novamente uma disciplina de educação infantil, mas não nada muito diferente do que era na graduação, como era uma pós voltada para a escola na Educação Física escolar, várias das disciplinas acabavam auxiliando, tive uma disciplina que era em relação a construção de brinquedos, então o que eu uso bastante com os pequenos, é... Algumas outras disciplinas acabam colaborando, mas a disciplina em si acho que não teve nada de novidade.

D: e agora que estamos todos atuando com a educação infantil vocês deparam com dificuldades na prática junto ao infantil, se vocês se deparam com dificuldades quais que são elas? São relacionadas ao que? Estrutura, didática, metodologia, equipe.

P2: eu não tinha mas recentemente eu acho que por conta dos grupos de infantil que estão chegando, de 6 turmas eu tenho questão com uma que é por comportamento, birra, imaturidade, de não querer parar para ouvir, não querer saber qual é a atividade que vai ser proposta, só querem o que eu quero toda a hora, o que é interessante para mim, e assim, mesmo que eu tente entrar no mundo deles, não sei, vai ser toda aula basicamente exploratória, porque eles não querem orientação, eu entendo dessa forma, e é o problema de um infantil inicial de uma comunidade específica né.

P3: o número de alunos também né.

P2: não, lá são poucos alunos, eu tenho 15 alunos nessa turma

P3: minhas turmas tem 30 alunos e...

P2: só que assim

P3: e 1, 2 deficientes

P2: sim, eles montam três grupos aleatórios e ficam no mundo da lua, em outro lugar que não é a sua aula, e aí para você chamar a atenção.

P3: não tem rotina né

P2: é não tem uma rotina de aula e você tenta inserir e eles fazem birra, fingem que não te escuta, assim é algo bem específico desse grupo.

P1: eu acho que o número de alunos por sala eu acho que é a maior dificuldade que eu tenho, a quantidade de criança

P3: nem sempre o deficiente tem alguém acompanhando, as vezes você tem que lidar com muito

P2: também falta de auxílio né

P1: os casos de inclusão né que são meio fortes, é, mas eu acho que para além da inclusão eu acho que é o número de alunos eu acho que é um dificultador muito grande para manter uma aula de qualidade

P3: o tempo de aula também é uma hora eu acho

P2: para eles é

P3: que a gente acaba pecando eu acho que eles perdem o foco

P1: eu acho que a gente tenta né, vai várias alternativas mas a falta de concentração de atenção, eles se distraem se dispersam com muita facilidade e a gente tem que usar muita criatividade nesse momento né, mas tem não é todo o dia que a gente está com essa disposição essa criatividade, tem hora que a gente foge um pouco e como a j falou também acontece comigo, muito querendo, as crianças vem em uma forma eu quero fazer o que eu quero

P2: e eu só percebi isso agora, nos infantis de antes não

P1: é eu acho que a cada ano que passa as crianças estão vindo mais soltas em termos de assim não preciso respeitar nenhum tipo de

P2: sem educação né

P1: é

P3: sem um papel de autoridade, sem um papel de

P1: é eu acho que a identidade, a forma como eles veem a escola talvez, né, e eu acho que é nosso, a gente também de repente não consegue acompanhar essa nova fase da infância atualmente né, porque a gente está vendo, eu tenho me questionado muito atualmente né, será que eu não estou acompanhando essa nova fase de infância que essas crianças estão passando, e eu tento de repente pensar

na infância em uma infância que eu vivi e que não é mais a infância atual, e aí talvez eu não consiga ainda entrar no mundinho deles porque eu fico pensando que ahhh lá na minha época era assim mas não é assim eu preciso entender que essa é uma nova realidade uma nova, eles vivem uma infância diferente do que a gente viveu e de que tinha as vezes um ano atrás é diferente, é eu acho que entender a realidade que essas crianças vivem também, entender o momento que a gente tem passado, acho que talvez ajude um pouco a gente trabalhar com essas crianças, eu tenho feito um questionamento, uma auto reflexão muito grande assim, do meu papel como professor, da minha atitude com professora perante essa nova infância que está sendo vivida né e acho que a gente não está preparado para isso que a gente, o tanto de formação que a gente teve voltado para o desenvolvimento motor, o quanto é de uma infância que foi muito diferente da que eu vivi, é... A gente tá tendo que reaprender né, o que que é infância, como trabalhar com essa nova infância que vem por aí, mas eu acho que isso é prática, é na prática mesmo e que a gente vai é... Aprendendo novamente e estudando essa nova realidade das crianças.

P2: outra questão também a estrutura física né que as escolas não têm para o atendimento infantil, falta espaço, falta segurança.

P5: eu considero que eu tenho muita dificuldade para trabalhar com a educação infantil e a leitura que eu faço disso vem bem parecido com o que a m fez, a partir das nossas, do nosso estudo eu acredito que a nossa formação inicial não deu suporte para lidar com a infância em uma concepção mais sociológica e isso traz um problema na hora da gente preparar a aula, entender que a infância acompanha uma mudança social, então a infância nossa não é mais a infância de hoje, não tem acompanhado né e a formação inicial pecou nisso, não apresentou nenhuma literatura da de por exemplo, concepções sociais, tradicionais, e a escola de hoje ela não é feita para a educação infantil, então estruturalmente ela não é preparada para isso, e aí eu mudo até o meu olhar eu acho que a escola de educação infantil tem que ser específica para a educação infantil, precisa ser pensada para a educação infantil só que a gente tem um avanço aí quando a gente vai para as questões didáticas pedagógicas a gente percebe que a literatura já está

apontando para as experiencias que é algo que a gente não está preparado né didaticamente, historicamente a faculdade não prepara a gente para lidar com as experiencias e que a criança ela vai fazer representações sociais quando ela vai começar a aula e a gente não está preparado para isso. Então acho que essa questão didática é até mais forte que estrutural, pensa, a criança chega desse jeito para a gente a gente acha que não tem educação, não tem controle dos pais, é porque a sociedade mudou, o seio familiar hoje não é mais aquela família tradicional né, o que é a família hoje, é uma questão social muito complexa de entender, quem é o pai, quem é a mãe, as vezes mora com a vó

P2: é, quando a criança também passa tempo com a família, porque geralmente a família está fora manhã, tarde, chega a noite pega a criança dormindo, as vezes fica com um cuidador.

P5: isso cuidados, e assim, a sociedade cada vez mais ela tá pressionando essa família a trabalhar mais e viver menos com as famílias, então isso está refletindo direto na nossa prática pedagógica, na escola. A escola está dando conta de coisas que não eram para ela dar conta, né, então acho que é um campo da Educação Física que a gente vai ter que rever tudo que a gente fez até agora porque a nossa base é psicomotora e a psicomotricidade não dá mais conta dessas crianças, não adianta mais trabalhar com fila, só a psicomotricidade, ela foi importante, não estou falando que ela não foi

P1: É ela continua importante, mas não só, o problema é que é só ela não dá conta

P5: e aí refazer essa leitura

P1: Ela tem uma parte importante mas que precisa ser... Né, de outros elementos

P5: então eu considero que as dificuldades elas são tanto estruturais e a estrutural não entendendo só a escola, é social, a estrutura social

P2: que interfere

P5: que interfere gritante né, ela é didática porque nós como professores a gente vai ter que rever o como chegar nessa criança que tem uma concepção de infância diferente daquela que a gente imaginava que tinha né, criança que tem

conhecimento, produz cultura, então isso vai trazendo dificuldades para a faixa pedagógica então eu acho que é o campo com mais dificuldade hoje na Educação Física.

P4: para mim a questão da educação infantil ela eu entro em contradição o tempo inteiro porque essa educação libertadora que a gente estuda que a gente né quer e aí chega na educação infantil e aí eles viram e falam não isso aí eu quero, eu tô cansado hoje não vou fazer não, falo não, mas como assim você não vai fazer e aí você chega em um ponto que vai fazer sim, vai fazer e acabou vai fazer e aí e aí você chega e aí para mim tá muito ligado ao controle do corpo que é culpa da escola né, a escola, você chega com a turminha, tenho uma turma de 3 anos, você chega você quer falar eles não querem você vamos sentar em roda “ eu não sei fazer roda eu não quero” não vamos dar as mãos “não, eu não quero dar a mão” você não tem controle e aí quando começa o fundamental você tem o controle daquele corpo e aí para mim isso é extremamente contraditório porque para mim é mais fácil dar aula quando a gente tem o controle daquele corpo, as crianças não tem, a gente não tem ainda, que a escola vai fazer isso né, quando a escola tira de 5 anos vai para o primeiro ano senta um atrás do outro e fila e é essa estrutura vai até a faculdade vai até, e aí é como se você já falasse você não é mais criança, você é, senta um atrás do outro, agora copia da lousa, agora por mais questões que tenham o infantil ainda tem aquelas mesas que ainda sentam em roda, tem os tatames para sentar no chão quando quiser, tem outras possibilidades e eu acho que é... A minha dificuldade é algo contraditório com o que eu acredito que a questão do controle do corpo, eles não deixam a gente controlar né, você tem que ser muito criativo, você tem que trazer algo né, de outro mundo para eles

P2: mas as vezes é algo simples a questão é entrar no universo deles não é algo mirabolante, é algo que atinge ali, difícil

P4: eu tenho essa, porque assim, é... Eu tinha muita dificuldade com esse momento de experimentar materiais que na minha cabeça mas não eu estou sem fazer nada, não posso, não volta aqui, e aí quando eu cheguei ano passado, estou há 1 ano na rede, eu não dava aula para criança, só para adolescente, com dança, em ONG, então as crianças, quem ia lá ia porque queria, é outro mundo né, então

quando você chega na escola que as crianças são obrigadas, e aí eu ó que bonitinho o infantil eu dava 10 minutos e de repente cadê as crianças aí eu volta, onde vocês vão, e aí você tinha que preparar várias coisas aí eu falei assim, a o controle do corpo né, aí você chega no 3, 4, 5 ano e todo o mundo já senta, já tem aquele tem aqueles casos claro, mas já é outro mundo, aí falo assim, ah a escola cumpriu o papel dela né. Conseguiu controlar esse corpo, infantil ainda não e aí eu acho que a maior dificuldade que a gente, que eu tenho é nesse sentido, nesse corpo, não eu não quero fazer o que você está me pedindo agora, não quero não quero, eu lembro que eu primeiros anos a turminha de 3 anos eu sentei em roda, e ah vamos cantar batata quente e aí eu ensinando e o menino do lado “ee barra... Vai não, o popozão” estava nem aí que eu estava batata quente, ele quer cantar funk, e eu cantando batata quente fingindo que ele não estava cantando e de repente a sala inteira começou a cantar o funk e eu beleza, vocês ganharam vamos cantar então o popozão no chão e aí é isso. Não quero cantar o que você quer você está me sugerindo, não quero

P2: é e o quão a gente está cantando lá traz significado para ele agora né P4:é é isso né, eu vou cantar só porque você tá pedindo, não, coisa que o fundamental não tem tanto, fundamental você chega ai, não quero fazer isso, mas tá lá fazendo, o infantil não quero fazer isso raramente você vai conseguir ele fazer o que você quer

P1: talvez eles sejam mais autênticos, o fundamental já aprendeu a viver dentro da caixinha

P4: e eu acho que a escola tem muito

P1: eu tenho que fazer o que é determinado apesar de não concordar

P2: e muito culpa em questão da rotina de aula também, quando você muda de escola vai, eu que estou há 5 anos no SA e agora fui lá para o outro eu percebo isso, como eram as aulas anteriores entendeu, que não é a mesma rotina de aula que eu tenho.

P4: e para mim a escola ela é a função da escola é essa né, controlar os corpos né, controlar para que ó você tem que ouvir. Vocês tem 30 alunos, um vai sentar atrás do outro vai olhar para a frente eu vou falar e vocês vão ouvir né, é,

vocês vão fazer o que eu estou falando o que vocês vão fazer, tanto é que eu comecei a desconstruir essa coisa com a aula livre que não é livre. Eu falo para eles não é livre porque eu estou escolhendo os materiais estou escolhendo o lugar, eu estou escolhendo o tempo então não é livre, né porque me incomoda esse termo e eu e eu enfim não estou fazendo nada, não vou dar isso.

P2: então mais porque o termo livre te incomoda? Já é uma criação da sociedade

P4: não existe liberdade, não existe é porque não existe liberdade né

P2: então mas o que é visto como uma liberdade já é podado pela sociedade, ahh então eu não posso deixar que a minha aula seja livre

P4: não, e essa ideia do que é que as pessoas, o que é livre, ah poder fazer o que eu quero, não ninguém pode fazer o que quer, em lugar nenhum,

P1: toda aula tem que ter objetivo né

P4: você

P1: isso que é

P2: e tem até a aula exploratória

P1: sim é...

P2: o que eles chamam de livre tem objetivo

P4: sim e aí quando eu viro e falo assim, eles me pediam muito né, me pedia muito, me deixa a gente fazer o que a gente quer um pouquinho, e aí quando eu deixei eu vi reflexo de muita coisa que eu discutia com eles não acontecendo, aí eu falei assim não talvez eu teria que deixar mais esse tempo para eu ver se tem resultado

P3: O contrário também acontece as vezes você pega uma turma dos maiores e fala vamos ficar ó cada um vai brincar do que quiser agora e tem gente que não

P2: não sabe o que fazer

P3: o que eu vou fazer, não passa alguma coisa que eu não sei o que eu faço, muitas vezes eles não tem essa autonomia, você espera essa autonomia porque eles são grandes estão em uma faixa etária que já sabe teoricamente o que

gosta de fazer e o que não gosta e a criança trava e fala meu o que eu tenho que fazer

P1: mas ela foi durante 6, 7 anos podada disso

P4: enquanto que o infantil faz isso enquanto a gente está dirigindo a aula eles já fazem isso lá no LG estava em reforma então eu fiquei muito na grama, nossa, era o brincar com a grama com a pedrinha com a terra e eu calma, vou deixar, vamos fazer essa atividade primeiro, dois minutos que eu estou lá falando não estou nem ouvindo o que você, então enquanto o infantil sabe aproveitar qualquer espaço que eles tem qualquer momento para brincar porque eles estão com vontade o fundamental espera muito né, eu preciso, nesses últimos dias eu deixei eles né, levei peteca levei lá para essa grama o 4 ano sentou do meu lado a maioria, e aí vocês o ano inteiro me pedindo para vocês brincarem e vocês vão sentar e eles verdade né pro, e vai lá sentar

P1: eu tenho um livro de arte que é para trabalhar arte com as crianças que ele fala sobre a criatividade, e eu levo muito isso para a Educação Física porque tem muito a ver com o que vocês está falando, quando a criança entra na educação infantil a professora diz para ela assim: você vai desenhar uma árvore que o tronco é marrom e o a copa é verde a maçã é vermelha, a flor tem o miolo amarelo e a criança ela dá esse modelo e as crianças vão fazendo e seguindo modelos, quando ela chega no fundamental aí tem uma historinha nesse livro que fala isso, aí essa criança muda de escola, vai para o fundamental a professora fala para eles no primeiro dia de aula, é desenhe, vocês vão fazer um desenho, uma paisagem, aí a criança pergunta, mas, que cor que é a árvore? Ah, a cor que você quiser, não professora, fala a cor que eu tenho que escrever, porque elas estão acostumada a durante muito tempo, é uma criança que foi acostumada a fazer isso, quando chega alguém para desconstruir é muito difícil acho que é mais ou menos o que a gente vive na Educação Física, né, eu enxergo muito isso nas aulas que a gente tem a gente tira a criatividade da criança e depois quando você quer colocar de novo é muito difícil isso a gente não consegue.

P4: Muito contraditória na educação infantil porque assim será que é uma educação libertadora que eu estou fazendo? Enfim, e o currículo né, lindo, todo né,

criança sujeito, e aí não você se você não quer fazer Educação Física agora mas agora é uma hora que você vai fazer Educação Física, ah você não quer comer agora mas é a hora que você tem que comer e aí você fala assim que momento que a criança tem como sujeito

P1: a hora de ir no banheiro, beber água

P4: acho que o dia que eu deixei eles cantarem o funk, aí vocês foram o sujeito. Naquele momento eu garanti que eles fossem sujeitos, mas não sempre, quando a gente planeja uma aula um mês antes, nossa já, eu vou dar isso, vou dar isso, vocês querem, não sei se é essa a demanda de vocês, mas é isso, eu acho bem, tanto que lá na escola eles, a reunião pedagógica a diretora disse que tinha que levantar duas fragilidades elas falou que foi um pedido da secretaria, cada escola tinha que levantar duas fragilidades e aí colocaram lá que o fundamental não tinha agrupamento, não conseguia colocar em prática o agrupamento e na educação infantil a questão da RPS com a Educação Física que não tem que era uma fragilidade e aí eu falei assim antes disso acho que a fragilidade é o currículo por que no dia da reunião de conselho com o infantil eu achei que era só a Educação Física que não tinha ainda né colocado em prática essa questão do currículo nos professoras falando ah eu tô feliz que os meus alunos saíram sabendo o alfabeto

P2: ainda né, é um processo longo

P4: aí eu eu olhei assim eu falei opa não é só eu da Educação Física então, a gente precisa de formação e aí as professoras falaram não, acho que o problema é manutenção de brinquedos, aí eu oi? Tipo, e aí você fala assim então nossa então tudo bem do jeito que está né parece que só só eu estou com dificuldade de conseguir colocar, porque eu tenho consciência de que eu não consegui colocar em prática esse currículo. Mas aí passou outras coisas, você vê que... E aí eu ouço vocês falando da educação infantil, falou nossa, achei que era só eu

P2: é compartilhado

P1: você não está sozinha companheira

D: vocês já entraram um pouco na próxima questão que quais estratégias usadas para superar as dificuldades, vocês já falaram das atividades exploratórias, do adentrar o mundo da criança, de torna-la sujeito. Para além dessa alguém

conseguiu com o tempo, com a prática criar estratégias que consiga tentar suprir, tentar dar conta dessas inúmeras dificuldades que vocês trouxeram?

P5: falar de dificuldade é falar de tudo isso que a gente comentou, mas de novo volto na questão pedagógica. Porque o currículo se você tem que associar um currículo a uma prática que converse com o currículo, levando em consideração a concepção de criança né, então para superar essas dificuldades que eu acho ela extremamente complexa, ainda mais para a Educação Física né que nunca estudou campo de experiencia, né pensando nesse currículo, e aí para tentar superar isso eu comecei a desafiar a minha pratica mesmo. O como dar voz para as crianças né, pensando em um currículo que é crítico né, é dar voz para as crianças, e aí esse ano eu me propus a levar a tematização e eles produzirem a aula. Então por exemplo meu dois últimos temas a gente trabalhou jogos indígenas mas não levando em consideração o jogo em si mas o como eles viam o indígenas, partiu dessa pergunta, e no último o como surgiu os movimentos pensando nos homens das cavernas, então eram os dois temas que eu levei para eles, e aí foi um desafio para mim porque a ideia e fazer com que eles criem, então foi uma aula que eu filmei várias vezes, até para fazer uma releitura e a gente ver o quanto eles são capazes de criar. Então eu tive aí 6 meses, 5 meses de aula e eu consegui trabalhar 2 temas eles produzindo a aula né. Fala mas o que que o índios brincam? Aí eu trazia alguns elementos, ah mas como que eles fazem, eles comem, eles caçam? Eles foram dando sinais para mim para a gente confirmar a aula junto. Quando eu fui lá no, na na temática de como surge os movimentos dos homens das cavernas aí eu soltei mais ainda, falei assim, agora o tema é esse e eu quero que vocês produzam. Como eles criavam os movimentos? Então eu dei, espalhei pela quadra um monte de material né, pedaço de bambolê, tambor, balde, o que será que eles faziam para criar movimentos, e aí foram cada aula eles foram criando, ah eles se reuniam assim, eles andavam assim, como eles conseguiam equilíbrio, eles foram criando hipótese e resolvendo e chegou um momento em que eles estavam se agrupando por grupos mesmo né fazendo uma mini sociedade na aula e você fala cara, olha só.

P2: interessante né

P5: Eu poderia chegar com tudo isso pronto né, então o desafio para superar minha dificuldade que é dar voz as crianças eu acho que a maior dificuldade que a gente tem hoje, porque minha formação ela é tradicional. Eu não sou formado para criar um ser libertário, aí emancipação, nossa formação é, todo o mundo aqui pula pula passa por baixo e vai. Então quebrar isso foi sempre o mais difícil para mim né, ainda mais na educação infantil que a gente se sente inseguro de trabalhar, tudo parece que não é aula, né se você dá um monte de material e fala assim, beleza, o que que você pode fazer, parece que não é aula, para a gente que está acostumado com planejamento, ó, tem que ser a primeira parte assim a segunda parte assim e quebrar essa rotina é difícil, então para superar a dificuldade primeiro a gente precisa fazer uma releitura do que você tá fazendo. E foi isso que eu tentei fazer esse ano. Foi do jeito que eu pensei que ia ser? Na minha avaliação ainda tem muito que melhorar, porque eu ainda acho que não é aula, olha lá, eu tenho que quebrar essa ideia de que a criação deles é sempre algo que é pedagógico, que isso é visto com não pedagógico né, e aí quando a gente vai para as leituras de concepção de criança você vê que conversa muito com isso né, para a criança ter criatividade lá no quinto ano, ela precisa ser estimulada lá no infantil, só que quando chega no primeiro ano é tirado tudo isso dela. Então superar as nossas dificuldades a gente até vai conseguir fazer uma releitura, mas de novo, vai chegar lá no 5, 6 ano a gente vai entrar em conflitos de novo, porque a escola é preparada para segmentar

P4: parece que eles deixam de ser criança né, saiu do infantil... Estava tendo uma discussão que eles não poderiam usar o parque interno. Não porque eles são grandes, eles tem que usar lá fora. A professora falou assim, não, o que está acontecendo, qual o problema com os meus alunos a professora até né, ué como assim. As professoras do infantil reclamaram que as crianças do primeiro ano estavam usando o parque. Como assim gente, eles não são crianças mais mesmo né, não é só o sentar um atrás do outro. Acabou o infantil. Acabou o infantil não tem, no próprio infantil tem professoras que falam que eles brincam demais, brincam muito, tem que copiar daqui a pouco né

P1: com relação as estratégias eu acho que esse esse ano foi um ano é, como eu estou estudando um pouco mais sobre a educação infantil, e eu acho que

assim a maior dificuldade que eu tenho para mim com a educação infantil acho que talvez é por isso que meus estudos foram para esse lado, é é conversando com o meu parceiro lá que trabalha comigo, a gente analisa cada aula que a gente faz e assim, a gente já tentou de todas as estratégias possíveis né, com música, com historinha, com, eu acho que o nosso planejamento ele influencia uma aula muito certinha e muito regradinha e isso atrapalha um pouco na hora da gente dar voz para as crianças e, acho que a gente optou por fazer um planejamento, mas deixar um planejamento mais solto porque mais ou menos o que o P5 falou, eu a gente não faz uma aula totalmente ainda criada pelas crianças mas a gente tenta ouvir também e muda muito, mas é praticamente toda a aula. A gente muda as estratégias por causa das crianças de acordo com as coisas que acontecem no cotidiano. Uma formiga que passa na quadra eu mudei a aula completamente, eu já deixei de dar uma aula, porque as formigas estavam levando as folhinhas e acho que até contei isso um dia né, e a gente mudou totalmente a aula porque o interesse deles era aquele naquele momento, eles não estavam interessados naquilo que eu estava falando para eles. Então assim, é, é difícil muito difícil porque eu também fui, tive uma formação de Educação Física muito tradicional e estou aprendendo ainda a entrar né nesse universo das crianças, das crianças contemporâneas, que já acho que é muito complicado, e, as as melhores aulas que eu vejo assim né, porque tem maior participação das crianças são aquelas aulas onde de exploratória mesmo, mas exploratória no sentido assim de que eles estão construindo as brincadeiras com aqueles materiais. É, a gente tem feito muitas aulas historiadas, onde a gente começa a história e durante a história a gente vai fazendo as atividades, os movimentos, as brincadeiras, mas eles vão entrando na história e assim é uma história que começa a princípio planejada mas que a sequência dela as vezes é feita por eles. E aí? Se a gente está caminhando ali naquele local, fazendo determinada coisa, o que que vocês acham que pode acontecer? Ah a gente pode fazer isso. Aí usa aqueles espaços. Então a gente tem feito aulas muito assim e quem chega na quadra acha que é uma zona, uma bagunça, que não é uma aula de Educação Física, é. Eu dei uma aula outro dia que era com folhas secas espalhada pela quadra inteira, a minha Assistente Pedagógica, mas porque que essa quadra está

suja desse jeito? Falei calma, faz parte da nossa aula. E eles estavam brincando de índio, jogando peteca, que os portugueses tinham chegado e encontrado os índios, aí tinha caixa de papelão que eram os navios e depois de toda essa historinha eles criaram umas brincadeiras que muitas delas levaram movimentos que a gente tinha feito em aulas anteriores. Então assim, eles realmente estão aprendendo com tudo isso, e era, são aulas mais significativas, então assim, é nesse tipo de aula não tem criança correndo porque eles se, eles se interessam se concentram, mas dá trabalho, é desgastante, mas são acho que eu atualmente são as aulas que mais funcionam no infantil é esse tipo de aula, onde a gente viaja junto com eles né na, nas histórias nas formas de fazer, sem ser uma coisa muito, é, certinha, de, eles realmente eles fazem os movimentos né, eles pulam corda, eles passam debaixo da corda eles pulam pedrinha, eles rolam no chão, eles fazem todos esses movimentos que é lá da psicomotricidade, que é do desenvolvimento motor, mas a forma de como é feito não é uma forma tradicional, mas eles estão fazendo, e estão discutindo né, dando conta, ah eu do conta, porque você consegue, porque meu amigo não consegue, e... Né. Será que é só se esforçar que consegue, ou tem outros fatores que influencia isso. Eu acho que essas, essas reflexões que são feitas são bem legais com as crianças. É na eu fui em tal lugar que tinha isso, que eu fiz isso, que eu pulei pedrinha, que eu passei, que eu subi na árvore. Então acho que trazer esse contexto também das vivências que eles têm eu acho que ajuda muito a gente fazer essas aulas acontecerem, e é dessa forma que eu acho que está sendo é... Acho que assim, não sei, a minha avaliação, lógico, ainda falta muito para eu aprender, mas é a melhor aula que eu dou é quando a aula é nesse formato. Pensando nas aulas que a gente deu quando a gente entrou né. Em Suzano a gente já trabalhava com educação infantil, então a gente veio com uma bagagem de lá, e tentando trazer aqui para Santo André, aqui tinha um formato diferente, eu cheguei a trabalhar lá em escolas só de Educação infantil. Que não tinha quadra, que era pátio, que era espaço, que a gente explorava outros espaços, então a gente aqui quando isso me ajudou muito aqui em Santo André, porque não tinha essa visão de Educação Física é só na quadra, tem outros espaços que ela pode ser expl., pode ser feita, é uma experiência que a gente teve em Suzano foi muito produtiva assim.

P4: lá eu também, eu trabalhei quando eu fui trabalhar o folclore eu trabalhei com o bumba meu boi e aí foi muito engraçado porque era uma coisa de um mês virou para dois e as famílias queriam por que queriam ir assistir a aula, falei não gente, não é uma apresentação é sobre o folclore. Não mas ó. Se estiver tudo certo a aula é CESA é aberto só ir assistir a aula tal horário na grama e tal. Então assim, era, eu fiz máscara, eu fiz máscara e aí eu depois você vai pensando poderia ter feito máscara simples, mas eu inventei de fazer uma máscara com bexiga, com jornal, e foi um caos, mas todos fizeram e eles pintaram, aí eu fiquei pensando, eles fizeram parte né, desse boi, não foi algo que eu cheguei e falei assim: ó hoje vamos dançar o boi. Não, não eles foram, fizeram a máscara a gente assistiu vídeos de o que era folclore e aí a professora de sala teve a ideia de pedir para as famílias fazerem um corpo do boi em uma caixa então as famílias participaram e aí quando eu vi chegou uma caixa mais linda do que a outra. Meu deus o que isso está virando? E aí começaram a ligar na escola. Não, mas que horas que vai ser eu quero assistir. Não mas vai assistir? Não, não sei. E aí virou uma bagunça mas aí foi, apresentaram e aí as crianças se envolveram né, dançaram, e foi uma contação de histórias, então eu fui vestida de boi, eu fui com uma cabeça de boi para dançar né com eles, eu levei o pandeiro. Outro dia a gente fez o cortejo na grama a gente fez a aula na grama, se apresentou em outros espaços para além da quadra. A máscara né, que as pessoas viram, ué mas Educação Física vai fazer máscara? Falei é, faz parte né, a gente está dentro desse, do contexto do que eu estou trabalhando. E aí, só que pensei assim, nossa mas eu não consigo dar toda aula assim, um espetáculo, não dou conta. Mas essas aulas você sente, e eles em uma ansiedade, porque era para ser no final de agosto né, mas e a máscara? E aí eu levei algumas para cortar. O que que você vai fazer? A gente não vai dançar mais? Para onde você está levando? Não calma, calma, a gente vai. Então eles... Né. Ficaram ansiosos esperando para vestir o corpinho que eles fizeram com a família. Para colocar a máscara que eles fizeram né, durante as aulas. E foi, a aula foi indo e no final agora na semana da consciência negra eles apresentaram de novo né, aí expliquei para as crianças sobre as culturas e tal. E as famílias vieram de novo. E aí foi, é, e aí a professora falou que usou a questão do boi com algumas crianças, essa

questão da disciplina. Ah se você não se comportar não vai fazer o boi e ela falou que conseguiu né, e aí eu falei assim. Nossa, que... Essa coisa de envolvimento. Aquela aula né fez sentido porque eu me envolvi, minha família se envolveu e aí, foi né. Mas é, é difícil. É isso né. Nem sempre né, consigo sempre uma aula assim.

D: Diante de tudo isso, vocês conseguem, vocês trabalham os jogos e brincadeiras no planejamento? Vocês inserem essa temática, entra como temática, como estratégia. Como que vocês conseguem, se trabalha com isso. Inserir no planejamento e na aplicação dele.

P5: Levando em consideração que a base traz como eixo principal a interação e o brincar eu acho difícil a gente não trabalhar com o jogo e a brincadeira. Mais o universo da brincadeira do que do jogo, até que pode, pode migrar. Mas a aula ela é toda baseada em brincadeira. Não tem como fugir. Então nas minhas aulas tudo é baseado na brincadeira. Que seja de corda, que seja de bambolê, que seja utilizando algum material, é, a significância das crianças para a educação infantil é que tudo é brincadeira então, eu acho...

P2: Bem isso né, para eles tudo é brincadeira

P5: Tudo é brincadeira né.

P4: Por mais que você queira fazer, eles transformam.

P5: Acho que na minha aula principalmente a brincadeira é o eixo principal.

P2: Tanto que a gente chega na sala e as vezes eles falam: Do que que a gente vai brincar hoje? Não é qual é a aula.

P3: Qual é a estratégia né

P2: O que a gente vai brincar...

P3: Estratégia que permeia todas as nossas aulas praticamente.

P4: Os meus: A gente vai poder correr? E é, e aí com brincadeiras é sempre correr e principalmente com a turma que eu pego a última aula né de 5 anos. Então acho que eles não estão aguentando mais ficar lá, eu entro na sala eles oi pro, a gente vai poder correr? O ano inteiro.

P2: As vezes é o único momento né, que eles têm para...

P4: E é né, porque entre as professoras...

P2: Não deveria né, mas...

P4: No final não tem que brincar muito né, a escola é um lugar sério né. Como se não aprendesse com a brincadeira. E eu trabalho com temas, e aí por exemplo fui trabalhar capoeira mas eu passava os movimentos mas com o objetivo de fazer uma brincadeira né, é, sempre, nunca a luta em si né, vai um, vai fazer dupla, vai fazer os movimentos. Não, passava os movimentos, passava a história e ia para um pega pega capoeira né, ia para uma musiquinha a maré subia. Eu cantava e eles tinha que fazer como se fosse um vivo ou morto mas... Dentro da capoeira fazendo é, os movimentos que parte baixa parte alta. Então por mais que eu trabalhe com temas, falo ah, quero trabalhar música. Brincadeiras cantadas. Então, brincadeiras de rua.

P5: Eu acho que é o que diferencia esse simples conceito que a criança tem de brincar é exatamente quando a gente trabalha com tematização. Pelo menos eu percebo isso. Quando eu trabalhei lá no começo do ano a ginástica, que foi tema da aula, foi por meio da brincadeira. Quando eu trabalhei lá a dança, foi através dos jogos com dança, das brincadeiras com dança. Quando eu trabalhei a cultura indígena, foi através dos jogos indígenas. E quando a gente foi para os homens das cavernas foi através das brincadeiras que utilizam os movimentos. Eu acho que isso é o que diferencia a aula de Educação Física. Quando a gente pensa em intencionalidade pedagógica, qual a diferença da gente e da pedagoga. É essa. A intencionalidade de utilizar o brincar como a nossa ferramenta pedagógica de transformação social né. A leitura que eles vão fazer daquele boi bumbá, a leitura que eles vão fazer do folclore é através do brincar, você vai tematizar aquilo que você quer como objetivo de intenção. Acho que é o que diferencia a gente desse simples brincar. A professora vai para aquele momento lá fora brincar, beleza, qual que é a diferença então com a Educação Física? É quando você leva um tema. Eu tenho dificuldade de ver uma aula de Educação Física que não tem tema, para você ver. Eu tenho dificuldade, não sei se isso é certo ou errado...

P1: É, eu tenho também.

P5: Eu tenho dificuldade.

P4: Eu cheguei a perguntar uma vez para a Assistente Pedagógica assim então, mas com esse currículo a gente coloca tema ou não. Aí ela, tem uns que coloca tem uns que não. Então tá bom.

P5: É, mas existe um conflito quando a gente olha o currículo e olha o campo de experiência, existe um conflito gigantesco, porque como trabalhar campo de experiência e corpo gesto e movimento, que é associado a Educação Física, que eu acho que é até uma leitura errada que a gente faz dos campos de experiência, aí esse currículo. Aquilo que você falou no começo, de como os professores foram interpretando o currículo influencia gritantemente na aula.

P4: Lembra? Você chegou lá, todos os objetivos, eu coloquei né, e aí, como especifica, não mas eu trabalho, mas eu trabalho, mas eu trabalho. Acho que foi você que fez aquele da planilha.

P5: É, sim.

P4: Sim, sim, sim, sim. Para mim é, porque não é separado né, não é nítido.

P5: A gente teve uma RPS que a gente discutiu e ficou um clima pesado porque tanto nós da Educação Física quanto as pedagogas do infantil, a gente chegou a conclusão que são todos. A gente assinalou todos e todos os objetivos. A Assistente Pedagógica olhou para aquilo e ficou desesperada, porque a CEPEC não queria aquilo, aí falei tá bom a CEPEC não entendeu o campo de experiência então.

P1: Exatamente. Foi o que a gente falou na nossa apresentação do nosso grupo de estudo. Eu acho, as minhas aulas, a gente trabalha também com brincadeira como, em tudo. O brincar está em todas as aulas. E a maioria das vezes ela vem como estratégia. Jogos eles entram como conteúdos, na minha visão assim. Em alguns momentos. Por exemplo, a gente trabalha jogos do mundo. Ai que jogos, que jogo se faz na Austrália, na Argentina, na China no Japão. Jogos Africanos, jogos indígenas, é... A gente lá na escola a gente tratou os jogos como conteúdo. Agora brincadeira ela está em tudo. Tanto nas aulas sobre os jogos quanto nas aulas sobre ginástica, como nas aulas de atletismo, nas aulas de dança, de capoeira, de lutas, é... Acho que não tem como a gente fugir da brincadeira.

P3: Fica sendo uma estratégia né.

P1: É

P3: A estratégia é a ferramenta que a gente utiliza para poder desenvolver a nossa aula. Independente da temática.

P1: Exatamente.

D: Diante disso que vocês já fazem, das dificuldades, vocês veem como importante interessante estudar os jogos tradicionais infantis, saber mais sobre a temática, se entra como temática ou como estratégia. Se aprofundar nessa questão de jogos e brincadeiras?

P5: Só tenho dúvida desse conceito de jogos tradicionais infantis, eu fiquei com dúvida, o que eu acho o jogo tradicional hoje ele perdeu um pouco da sua significância que a gente tinha. O que são os jogos tradicionais? O que são brincadeiras tradicionais? Se a gente voltar a nossa discussão aqui anterior, hoje para a criança da educação infantil o celular pode ser uma brincadeira.

P2: Tradicional de quando e de onde né?

P5: Acho que isso é uma questão de se perguntar, acho que a brincadeira, o jogo e a brincadeira tanto a gente vai chamar de tradicional como contemporâneo, aconteceu uma mistura. Que assim, eles são essenciais acho que para a aula. Só que eu não consigo mais dividir como tradicional ou não. Igual o pular corda é uma brincadeira que ela navega tanto no antes como agora. Só que ela pode ter, ser cantada com uma música de funk por exemplo. Então acho que existe uma transposição aí que faz essa miscigenação do tradicional com o contemporâneo. Acho que é a, quero entender esse conceito que você apresentou.

P1: Eu acho que a gente, essa questão tradicional é mais quando a gente trabalha com as crianças uma questão assim é. O que que sua avó brincada, o que que seus pais brincavam? O que que você brinca hoje? O que que mudou, por que mudou? É... E se não mudou né, é acho que uma, por que que não mudou? O que que é possível hoje? E por que que isso hoje é possível e na época anterior não era? Ou qual é a forma que essa brincadeira era usada? Onde ela era brincada? Onde hoje é brincado? Aí você está estudando com a cultura.

P3: Em que mundo que as pessoas viviam naquele tempo? Como que é o mundo hoje em dia né.

P1: Eu acho que a questão do tradicional eu pelo menos nas minhas aulas eu trabalho dessa forma. Uma questão de reflexão de como ela na na nos antepassados dessas crianças, até na própria família, né, por exemplo, o bairro que

eles moram, se é o mesmo que os pais moravam, o que que os pais brincavam, que tipo de jogo era feito. Era na rua?

P3: Se ele ainda acontece...

P1: Né, ainda acontece? Ah, meu pai brincava na rua de queimada, eu não consigo brincar na rua de queimada porque meu pai não deixa eu ficar na rua. Aí a gente vai trabalhando outras questões, então o tradicional entra também muito para essa, para, é, nortear essas reflexões eu acho.

P5: Mas você falando me deu uma ideia de que como é possível na educação infantil você precisar, se vai trabalhar o jogo tradicional, então olha só o start, não vai só brincar, você vai partindo e vai contando isso. Isso já entra como é uma aula de Educação Física que traz um sentido e um significado. Porque pensa, se a pergunta fala, do seu vô, do seu pai, né, então acho que é um start até para ajudar no conceito do jogo infantil tradicional, pode ser um start para a criança discutir a brincadeira.

P2: Também né, lembra, a gente chegou a fazer isso né, acho que uns dois, três anos e despertava o interesse da criança, porque a gente pegava todos aqueles jogos que eles traziam anotados de prática da família para realizar nas aulas, e eles cobravam. Ahh mas e tal jogo da minha família, a gente não vai fazer?

P1: Então por exemplo o batata quente, que eles tanto queriam cantar, mas eles estavam cantando, será que de repente eles descobrissem que o pai dele cantava essa música, ele não se interessaria em aprender essa música também. Ah meu pai brincava, meu avô brincava né.

P3: Às vezes traz outras versões da mesma, da mesma música, mas outra forma de cantar, dependendo de onde vem essa família

P1: Não é simplesmente você ir lá e brincar de batata quente, hoje

P2: É... Para ele não tem significado as vezes

P1: Não tem, então eu acho que isso é importante para que eles se situem em algum momento né, até para entender questões de antes e depois. O que que é possível, o que que não é né. Não sei, acho que essas reflexões com as crianças são importantes. No infantil é muito possível fazer isso

P3: Mas, a questão de acho que é interessante, é super interessante. A gente falou aqui tanto do jogo, do brincar do quão isso é nossa ferramenta. Continuar estudando, acho que essa pergunta se a gente tem interesse em continuar estudando essas questões, acho que é fundamental para a gente qualificar a nossa prática e atualizar, e adaptar...

P1: Com certeza. Continuar estudando sempre.

P4: Acho que conversar com as crianças é interessante porque, assim que voltou das férias do meio do ano a gente falou assim ah, vamos trabalhar brincadeiras de rua e aí a gente já conversa com eles sobre o que eles brincaram. E aí a gente fez bolinha de gude, corda, é três marias

P5: Olha, bolinha de gude apareceu.

P4: Não, e aí nisso a gente pensando né, quais brincadeiras a gente ia propor, e aí a gente pegou e falou assim, nossa, eles não vão nem saber o que que é, nossa, não. Com esse preconceito. Eles sabiam né, e aí isso para mim diz muito do lugar onde mora, então se eu sou de um prédio, fico sempre fechado tenho outras brincadeiras né, de lugares mais restritos. Lá não, lá eles iam para o CESAné, eles iam para uma escola de samba que tem lá daí eles iam brincar, eles falavam, ah, não saí da rua. A gente fez, a gente fechou a rua, fez a rua de lazer. E aí começamos e as crianças corriam lá e aí nossa parece que a galera nunca brincou na rua, aí disse que não mas, é a ideia de rua de lazer eu não sei se existe, mas fecharam a rua, mas muitos aí que não saíram. Ah meu pai. Um do infantil disse ah meu pai tem um pote desse mas não deixa nem eu chegar perto né. A gente também foi com receio

P1: Tem uma coleção de bolinha de gude.

P4: E aí lá tem areia né, então a gente fez e eles foi falando né, e aí eles começaram a cobrir as bolinhas

P5: Sumiu as bolinhas

P4: É várias sumiram né, na areia. E aí eles começaram a jogar na escada para elas irem caindo no degrau. E lá tem uns morros então eles.. Não, é essa a ideia do ensinar como a gente com o infantil a gente não fez, mas a gente só né, falou assim, ah tenta acertar uma bolinha na outra, aí eles ficavam jogando, mas foi

o legal é que esse preconceito que a gente chegou de que eles não iam nem saber o que era, e eu terminando o ano eu fiz, pedi para eles, ah o que vocês mais gostaram e o que que faltou?. Muitos falaram que faltou amarelinha. Eu, olha que louco né, porque realmente, agora pensando, eu não trabalhei amarelinha, e eles pediram. Eles cobrando o que que faltou. Amarelinha. E o que que vocês mais gostaram? A Dança que algo que eu sempre chego com achando que eles não vão gostar, ah aula de dança eles vão ficar meio... Mas falaram que gostaram da aula dedança e que faltou amarelinha. E eles tem razão.

P1: Nessa questão de jogos e brincadeiras eu assim, não sei se isso já aconteceu com vocês, mas comigo assim. A gente tem um preconceito, um pré conceito do que que as crianças em determinadas regiões brincam. E como elas brincam né. Quando eu entrei no estado, na escola estadual aqui de Santo André, foi a primeira vez que eu vim trabalhar em uma escola pública, em Santo André, foi nessa escola estadual, é, lá no Morro da Kibon, e aí do lado do Dom Jorge, e as crianças eram de comunidade e eu vinha do SESI, claro que são treinados, uma outra realidade completamente diferente. É, e eu imaginava assim, dentro da minha cabeça vou encontrar crianças até meio descolada assim que brincam na rua, que correm, sobem em árvore, e encontrei crianças que não sabiam correr, que não conheciam essas brincadeiras de rua como chamamos né, denominam de rua, tradicionais né, e conversando né, com as famílias, com as crianças e o tempo foi passado e fui percebendo que as crianças ficavam presas em casa por conta de segurança. As mães saíam para trabalhar e tinha uma criança de 7 que tomava conta da de 4 de 2 a mãe trancava a porta, eles ficavam o tempo todo vendo tv. Eles iam para a escola, voltada da escola, eram trancados dentro de casa e passavam o dia assistindo tv trancados em casa, não eram crianças que brincavam na rua. Então, é aí eu pensei, nossa, foi um pré conceito meu né, de achar porque eram da comunidade brincavam livremente e eu encontrei uma realidade muito diferente, muito diferente de crianças que não tinha vivências motoras, eu achava que era o contrário. Por conta, pensando na infância que eu tive livre né, e hoje, por várias questões sociais né a gente tem uma mudança da infância né, e tudo isso a gente precisa levar em consideração quando a gente trabalha nas nossas aulas, a gente

acha que as crianças já sabem né, já tem essa vivência, que é uma coisa comum, e não é. As vezes não é. Eu acho que eu mudei muito o meu pensamento a partir dessa experiência que eu tive e comecei a enxergar as crianças de outra forma assim. Acho por isso escutar essas crianças é importante, dar voz para elas, que nem sempre é da forma que a gente acha que é pelas vivências que a gente teve porque foi muito diferente né das vivências que eles tem. Assim, dar voz é extremamente importante. Então é isso.

D:Obrigada a todos pela participação. É isso.

APÊNDICE D

Produto Educacional para o Ensino de Educação Física – Jogo na Educação Infantil

Nome do produto:

No curso de mestrado profissional a ênfase dada no ensino e no produto educacional é muito relevante, por conta do objetivo que o curso possui, que está intimamente relacionado com a prática docente, com o ensino e com a divulgação dos estudos que estejam conectados a problemáticas vividas o cotidiano da Educação Básica.

A partir disso e do estudo realizado sobre a problemática da Educação Física na Educação Infantil, qual seja, das incertezas sobre as formas de seu desenvolvimento, o jogo foi o objeto central deste estudo, sendo reconhecido como importante instrumento de valorização da infância.

Então o produto educacional visa ampliar a divulgação e reconhecimento da cultura infantil como cerne da educação da primeira infância.

Trata de um vídeo divulgando os objetivos, metodologia e discussões presentes neste estudo.

Seu acesso se dará por rede social através do link:
<https://www.youtube.com/watch?v=rKDn5waTOh4>.